



A CENA

N.º 46 ★ 14-11-50
CR\$ 3,00
EM TODO O BRASIL

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
VARIEDADES

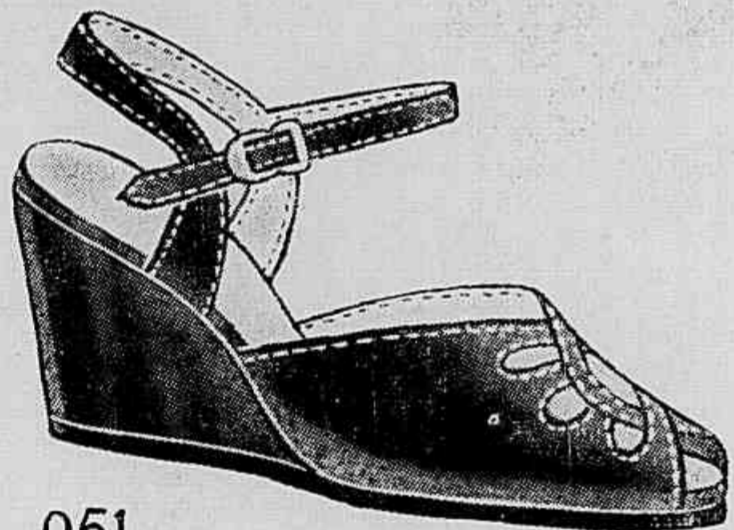
Muda





*Os 5 deveres da
INSINUANTE para
com os seus
clientes são:*

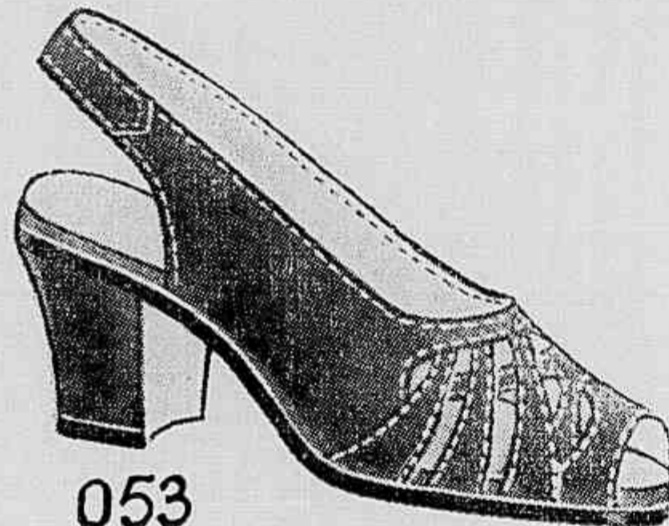
- 1° Dar recepção fidalga e amigável: "o cliente é o rei da casa"
- 2° Vender pelo menor preço: "lucro exagerado é roubo"
- 3° Entregar a mercadoria a domicílio: "não é um favor, é uma obrigação"
- 4° Atender a todas as reclamações: "o cliente tem sempre razão"
- 5° Trocar a mercadoria, ou devolver a importância: "o cliente só deve comprar por sua livre e espontânea vontade".



051



052



053

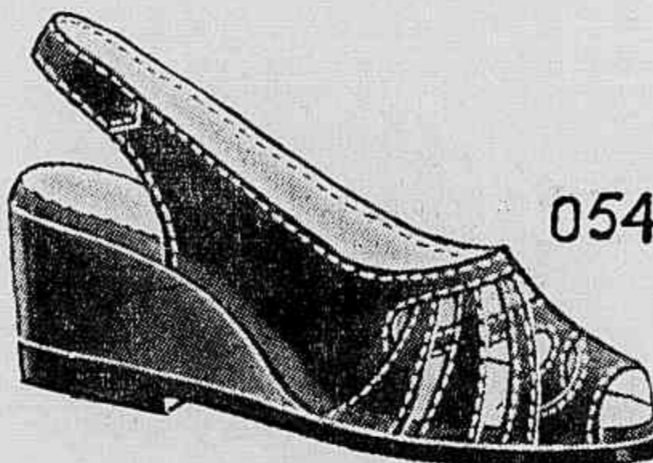
051 Cr\$ 145,00: Anabela, salto 4 1/2, numeração de 32 a 38. Ótima pelica de tôdas as côres.

052 Cr\$ 145,00: Anabela, salto 6, numeração de 32 a 38. Confeccionado em ótima pelica, prêta, azul, sangue ou Havana.

053 Cr\$ 138,00: Salto carioca, numeração de 32 a 39. Pelica ou camurça de tôdas as côres.

054 Cr\$ 138,00: Anabela, salto 4, numeração de 32 a 39. Camurça ou pelica de tôdas as côres.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros.



054

*Não
TRABALHAMOS
COM
REEMBOLSO*

Bem servir
CARACTERISTICO IN-
CONFUNDIVEL DA SA-
PATARIA MAIS QUE-
RIDA DA CIDADE

insinuante

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

É A MAIOR E MELHOR
SAPATARIA DA AME-
RICA LATINA E É
TAMBEM UMA GALE-
RIA A SUA DISPOSICÃO.

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Número avulso para todo o território brasileiro, Cr\$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr\$ 140,00; Semestral (26 números), Cr\$ 70,00. Registrada: Anual, Cr\$ 170,00; Semestral, Cr\$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr\$ 270,00; Semestral, Cr\$ 140,00. Número atrasado, Cr\$ 3,50. Agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Sucursal na Argentina: "Inter-Prensa", Florida, 229, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

A Redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados

★

Representante em São Paulo: A Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69, Telefone: 4-1569

CORRESPONDENTES EM HOLLYWOOD

VIOLET KINNEY

THOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS

JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães

★

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Filmes de curta-metragem (Leon Eliachar) | 3 |
| Por que Hollywood Filma na Itália? | 4 |
| Notas do Chile (Alberto Conrado) | 6 |
| Judy Garland | 7 |
| Zé Trindade nada quer com o teatro | 8 |
| Telas da Cidade (Alex Vianny) | 10 |
| Panorama da moderna produção francesa | 12 |
| Allan Ladd | 14 |
| Cinema Mexicano | 15 |
| Moda | 16 |
| Neve e Sangue (resumo) | 20 |
| Flashes | 22 |
| Silêncio de novo (José Souto) | 23 |
| Coluna do fã | 25 |
| Melodias para você | 26 |
| Rádio (Armando Migueis) | 28 |
| Fichário radiofônico | 31 |
| Arquivo (Brooklyn Jack) | 32 |
| Pausa para meditação | 34 |

★

NA CAPA

MARY BLANCHARD
(Paramount)

FILMES DE CURTA METRAGEM

SEGUNDO um boletim oficial do Círculo de Estudos Cinematográficos, desta capital, realizar-se-á, em dezembro próximo, o Terceiro Festival Internacional do Filme de Curta Metragem. O local escolhido para as apresentações foi o Rio de Janeiro, que servirá de cenário para a projeção dessas «shorts» que são uma das maiores manifestações do cinema mundial. Entre os países convidados a participar desse Festival artístico, encontram-se a Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Cuba, Dinamarca, República Dominicana, Egito, Equador, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grã Bretanha, Guatemala, Haiti, Holanda, Índia, Israel, Itália, Iugoslávia, México, Noruega, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Suécia, Suíça, Tchecoslováquia, Venezuela e Uruguai — independente de outras adesões que vão chegando diariamente.

★

A propósito do filme de curta-metragem, são oportunas as palavras do cineasta Hans Richter:

«Grande incompreensão é julgar-se que os meios técnicos de que lançaram mão os artistas do cinema Experimental, visando progredir, revelam o significado deste. Cremos ser, antes, a utilização de uma liberdade criadora sem entraves, inerente a cada ser humano, que dá a Avant-garde o sentido e o significado que lhe são peculiares: a liberdade do artista... em oposição manifesta às necessidades da indústria do filme e às suas responsabilidades (sociais, financeiras e políticas)... Somente aí o cineasta, como indivíduo, pode entregar-se a um modo pessoal de ver as coisas e ao seu impulso criador. Somente aí pode ele assumir responsabilidades pela sua obra em igualdade de circunstância com as outras artes.

A imprevisibilidade e a irracionalidade dos filmes experimentais, considerados em conjunto, fazem-nos inadapáveis e pouco apropriados à indústria do filme. Do ponto de vista desta última, o filme experimental é um fracasso, a despeito de uns quantos progressos técnicos com que a enriquece.

O desenvolvimento independente do filme experimental, além de ser útil à nossa sociedade, constituirá também uma revolta sã contra a completa domesticação. Não me causa inquietação pensar no que o futuro lhe reserva, conquanto que o trabalho seja efetuado com amor e convicção. A vida fará o resto».

★

O Festival Internacional da Curta Metragem foi concebido de forma bem diversa dos demais Festivais que distribuem prêmios e mais prêmios e cujo número cresce assustadoramente. Fundou-o, em 1948, um grupo de cineastas de vários países, tendo por objetivo ajudar o público, e sobretudo os jovens cineastas do mundo inteiro, a conhecer as obras importantes da Sétima Arte, e não pretende distribuir a todo e qualquer custo Grandes Prêmios que, muito amiúde são submetidos a várias concessões. Por isso mesmo, o presente Festival compõe-se de duas partes: panorama do curta-metragem atual, e um retrospectivo de obras pouco conhecidas, sejam de curta ou de longa metragem.

★

Entre os filmes de repertório espera-se poder apresentar as mais importantes obras da famosa Escola Documentarista britânica de antes da guerra, da qual Alberto Cavalcanti foi um dos pioneiros; prevê-se também exibições de obras da Vanguarda francesa do cinema mudo e, no mesmo espírito, uma dezena de longas-metragens realizados entre 1942 e 1949, que não foram e nem serão, provavelmente, exibidos na América, considerados pouco lucrativos para os exibidores. Incluem-se nessa categoria *Dies Irae*, do dinamarquês Carl Dreyer; *Depois do Crepúsculo vem a Noite*, do jovem suéco Hagberg, a quem chamam o «Orson Welles escandinavo»; *Louisiana Story*, de Flaherty; o discutível filme surrealista *Dreams that Money Can Buy*, realizado nos Estados Unidos pelos pintores Fernand Lager, Salvador Dali, Hans Alcher e outros; *Última Etapa*, da polonesa Jakubowska, e muitos outros.

A grande revelação será contudo dada pelos filmes de curta metragem, mais conhecidos sob a designação pouco poética de «documentário». Esses filmes são habitualmente digeridos pelo público como um aperitivo obrigatório, por vezes aborrecido. Na Europa, ultimamente, as coisas passam-se de modo diferente. O curta-metragem deixou de ser feito para «guarnecer» o programa, mas obedece, sim, a finalidades artísticas. Em Paris, por exemplo, existem cinemas que exibem «shorts» como base dos programas, e o suplemento é de longa metragem! E já se viu no cartaz, em letras gordas, o «short» *Sangue de Fera*, de Franju, com *A Bela e a Fera*, de Cocteau, em complemento.

★

Entre as muitas organizações culturais que vêm incentivando o III Festival Internacional do Filme de Curta-Metragem está a Associação Brasileira de Imprensa, que, através do seu presidente, sr. Herbert Moses, tudo tem feito para tornar mais fácil a preparação desta grande manifestação mundial.

E juntando-se a todas essas agremiações e centros culturais do Rio e dos Estados, aqui estará «A CENA», revista que apóia qualquer iniciativa honesta e artística, que criará uma sessão informativa sobre o presente Festival, fornecendo, detalhadamente, aos estudiosos e apreciadores da Arte, informes preciosos sobre o desenrolar desse Festival que honra não só o Brasil, mas a todos os países que batalham por um cinema verdadeiramente artístico.

leon eliachar



Uma caravana motorizada locomove-se até a cidade de Colle Val D'Elsa, na Itália. A cena nos proporciona uma paisagem autêntica e foi fotografada com a clareza e a beleza inerentes à própria pátria. Trata-se de Tuscany, com sua beleza geográfica e arquitetônica.

POR QUE HOLLYWOOD FILMA NA ITÁLIA?

(De VITÓRIO ROMANO (Especial para A CENA))

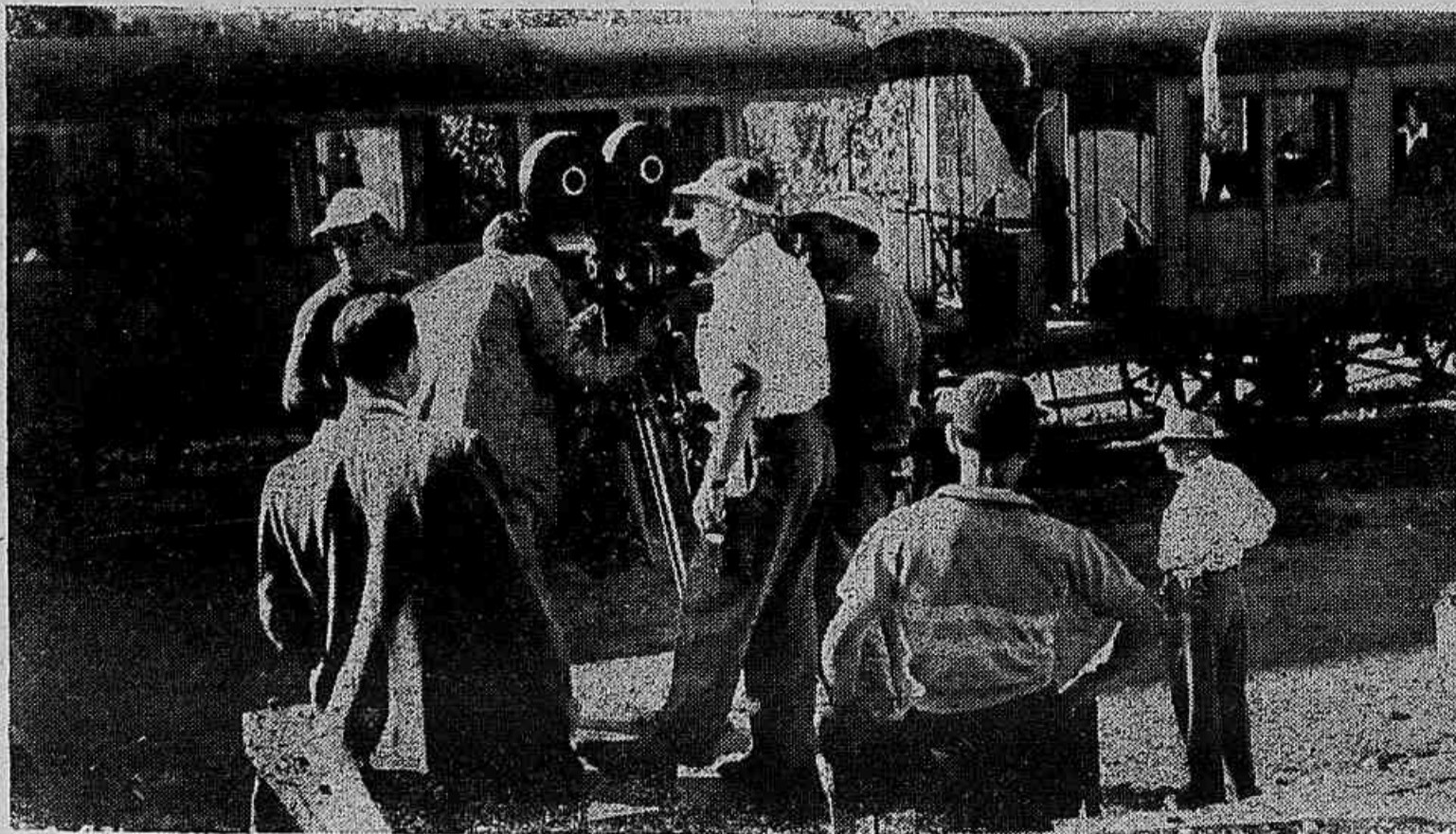
NOVEMBRO, por via-aérea — Lenta e gradativamente, Hollywood abandona seus estúdios para entregar-se às filmagens ao ar livre. O método não é novo, pois sempre se filmaram cenas de "exterior" nas cercanias da Califórnia, nos desertos do Arizona, e em algumas regiões do Mé-

xico, para os eternos filmes de faroeste, onde as perseguições às diligências se faziam em terrenos amplos e montanhosos, acompanhados pela velocidade milagrosa das câmeras. Mas, diga-se a verdade, o panorama das estradas americanas já estava ficando por demais conhecido, e al-

gumas ruas, construídas nos próprios estúdios, poderiam ser perfeitamente identificadas em várias superproduções, pois eram utilizadas dezenas de vezes em diversas películas. E, baseados nesses incômodos e atropelos, que começavam a enfasiar o público, alguns produtores lança-



Quando Marta Toren e Jeff Chandler tentam um meio de transporte italiano, a motocicleta, um grupo de curiosos se reúne ao redor.



O cameraman Bill Daniels, que foi responsável em grande parte pelo êxito de «Cidade Nova», filmado nas ruas de New York, encarrega-se de tomar na Itália algumas cenas autênticas que a sua câmara capta com o maior realismo possível.



As ruínas da antiga Catedral de San Galgano, nas cercanias de Sienna, proporcional o local para uma cena de mor entre Maria Toren e Jeff Chandler, astros principais do filme «Deported», da U-Intenational. O mundo inteiro aprecia as linhas dessa velha Catedral.

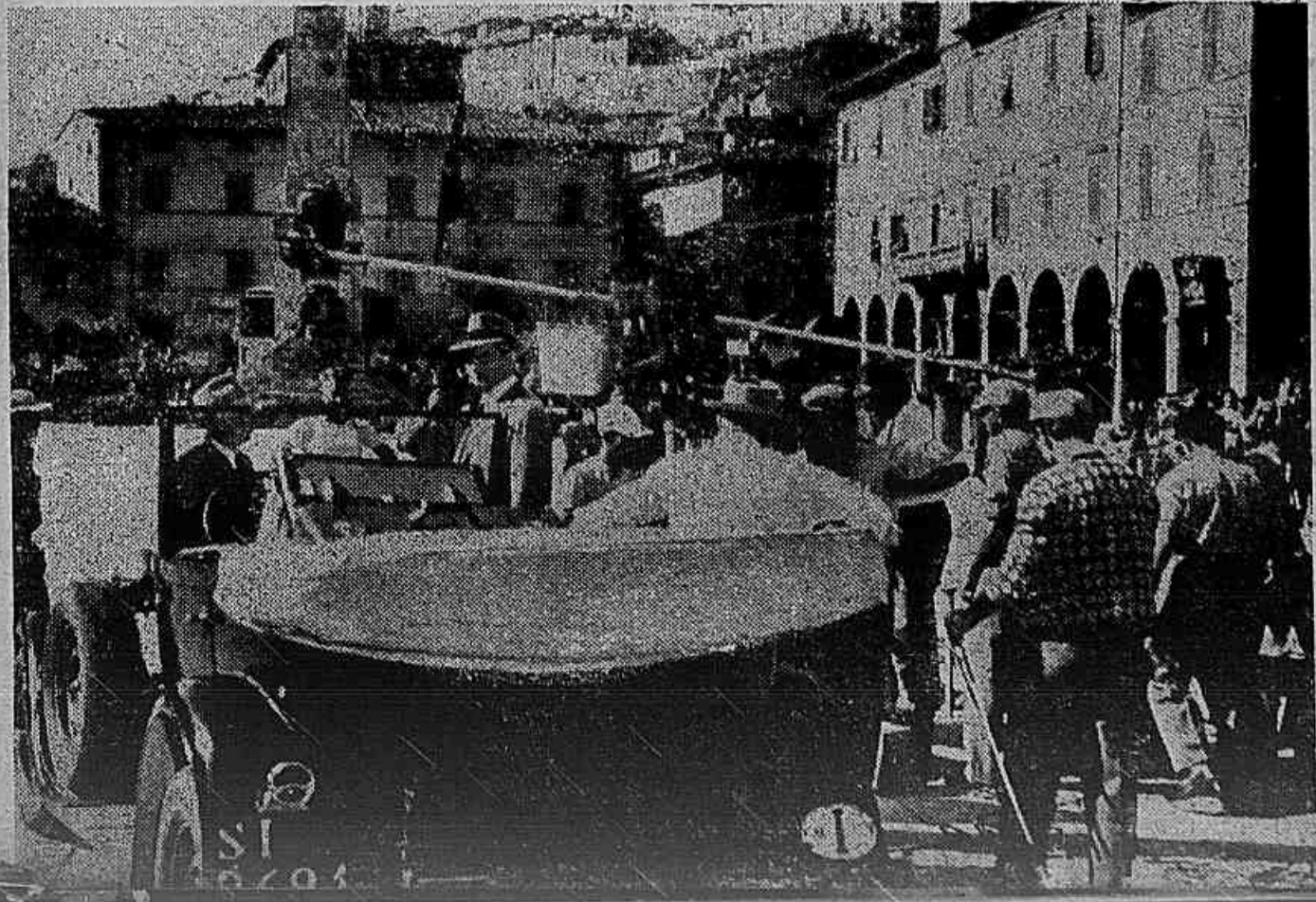
ram mão do recurso "semidocumentário", onde as películas passariam a ser filmadas nos próprios locais dos acontecimentos. Ao invés de se utilizar o processo da tela transparente, onde o fundo das cidades eram filmados isoladamente e projetados por trás dos atores, numa junção de cenas não muito convincentes, passou-se a utilizar o processo das viagens, onde artistas e técnicos, munidos dos mais modernos aparelhamentos, transportavam-se para os mais longínquos lugares em busca da autenticidade, um fator que se torna cada vez mais imprescindível no moderno cinema de nossos tempos. Agora usa-se o método mais eficaz: ao invés das cidades entrarem nos estúdios de Hollywood, são

os estúdios que saem às ruas, em busca de novas e reais paisagens para suas películas. E uma série interminável de celulóides foi elaborada sob esse novo e espetacular sistema de filmagem. As falsas construções e reproduções de cenários, nem sempre exatas, foram substituídas pelas autênticas e verdadeiras paragens exigidas pelos argumentos, onde quer que estes se desenrolassem. E, incrível como parece, o país mais procurado pelos cinegrafistas é a Itália, com suas habitações antigas, com suas ruas pobres, com seus contrastes, com seus hábitos e costumes, com seus castelos, com suas catedrais, com suas paisagens realmente encantadoras, e que dificilmente podem ser reproduzidas com fidelidade. A Itália é um país rico de cenários e suas ci-

dades oferecem um encantador e variado sortimento, que ali está, firme e inabalável, à disposição dos cineastas mais audaciosos e mais competentes. Sim, mais competentes, porque uma série de dificuldades se interpõem aos seus passos, e uma série de obstáculos tenta obstruir a lente de suas câmaras, que vão vencendo tudo pacientemente até obterem a perfeição desejada. E tal espécie de filmes, talvez inspirada no realismo italiano de após-guerra — criado espontaneamente pela deficiência de estúdios e pobreza de recursos — vem tomando impulso, especialmente na América do Norte. E o país mais visado é justamente a Itália, onde os cinegrafistas encontram muito maior campo de ação.

O Cameraman Daniels, o ator Chandler e demais membros técnicos e artísticos da equipe, estudam algumas possibilidades para algumas cenas num dos quarteirões de Colle Val D'Elsa.

Antes de qualquer filmagem uma multidão invade o local, sendo impedida pela polícia local por meio de cordas. Esse procedimento é comum em qualquer parte do mundo — e os técnicos já estão acostumados.



ADQUIRA O
QUANTO ANTES
O

ÁLBUM DE A CENA DE 1950!

Uma edição primorosamente de luxo, com muitas fotografias em tamanho grande, a cores e numa só cor, contendo os mais famosos artistas da atualidade do

CINEMA, RÁDIO, TEATRO e MÚSICA

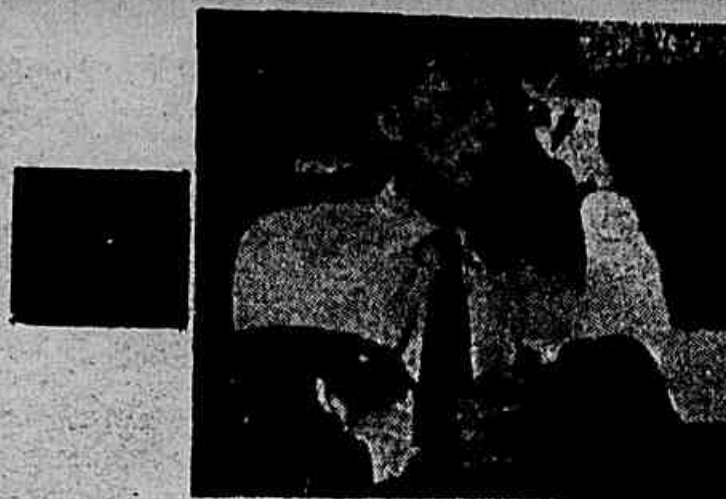
E MAIS:

- Fichário completo dos artistas
- Biografias e curiosidades a respeito dos mesmos
- Artigos especiais escritos por Salvyano Cavalcanti de Piva, Alex Viany, Alberto Conrado e Leon Eliachar.

PREÇO: CR\$ 25,00

Pedidos pelo Reembolso Postal,
mediante vale do Correio, à
CIA. EDITORA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

À venda em todas as bancas de
jornais do Rio e dos Estados



ROTEIRO DE VIAGEM

NOTAS DO CHILE

De ALBERTO CONRADO

O CINEMA CHILENO E SEUS PROBLEMAS

SANTIAGO, novembro — Convidados especialmente pelo sr. Emilio Taulis, diretor da Chile-Films, visitamos os estúdios dessa companhia cinematográfica, os quais se acham distantes do centro da cidade a uns doze quilômetros. Causou-nos surpresa as excelentes condições materiais que o mesmo oferece. Possui um enorme "set", com todos os requisitos necessários para as filmagens de qualquer espécie, mais dois "set" para pequenos interiores, doze bem instalados camarins para extras, sendo dois luxuosos, com dependências para os artistas principais, uma esplêndida sala de "cortes" e a mais completa instalação sonora que possui qualquer estúdio da América do Sul. É um equipo completo RCA com uma das duas únicas máquinas que existem fora dos Estados Unidos, a famosa BCN. Seu laboratório é bem montado, contando com os melhores materiais para revelação, confecção, e outros requisitos técnicos da sétima-arte. Todas as suas dependências estão muito limpas e decoradas com extraordinário gosto. Em dois enormes armazéns se guarda o material preciso para a construção dos mais variados cenários. E lamentamos deveras que tão excelente estúdio esteja parado desde que Hugo del Carril, por falta de local na Argentina, filmou ali "Surcos de Sangue", com Ester Fernandez, faz mais de oito meses. Por que então esse abandono? Não existe capital para confecção de filmes e os cineastas chilenos, todos independentes, preferem trabalhar exclusivamente em exteriores, pois sai muito mais barato. Alugar, pôr em movimento um estúdio requer somas avultadas. Com o processo de cenas filmadas ao ar livre o custo em moeda brasileira não ultrapassa 500 contos (observe-se a desvalorização do peso chileno). O estúdio não mantém sob contrato nenhum artista ou técnico, salvo a equipe que trabalha no laboratório, onde revelam, cortam os noticiários locais e as fitas dos diretores independentes feitas, como dissemos, ao ar-livre. O mal do cinema chileno assemelha-se ao do brasileiro. Desinte-

resse do governo pela criação e conseqüente proteção de uma indústria dignificante, agravado com o surgimento de uns quantos aventureiros estrangeiros e alguns aproveitadores de ocasião, marca "prata-da-casa". Indiscutivelmente nem o cinema chileno nem o brasileiro irão para a frente sem a proteção do Estado. Existem aqui no Chile homens bem intencionados que querem fazer alguma coisa substancial mas não encontram apoio nas autoridades governamentais, que não se convenceu de que todas as artes se acham condensadas em uma só: o cinema. Se igualmente no Brasil existem pessoas honestas e conscienciosas que já deram mostra, pese a campanha em contrário, de quererem fazer incrementar o meio mais eficaz de recepção espiritual que é a tela, e se um diretor cinematográfico brasileiro, que honrou nosso nome em todo o mundo onde foram exibidas suas lições cinematográficas de verdadeiro mestre do documentário, foi ignorado pelos dirigentes da cultura indígena, com extraordinário parecer na bela terra andina não se capacitam do triplo valor do cinema: econômico, social e educativo. Daí se verem magníficos estúdios, como o são os da Chile-Films, completamente parados por falta de capital, sem vida, com o seu material conservado com muito custo e sacrifício. Diz-nos o sr. Taulis, novo arrendador, que estão pensando em filmar o mais depressa possível. E seus projetos são interessantes e bem-intencionados. Entretanto, não nos parece fácil a empresa. Os capitalistas não invertem um centavo em filme chileno e o sr. Taulis apenas faz funcionar ininterruptamente seu laboratório para poder agüentar a manutenção de um estúdio, que, para ser conservado em bom-estado, requer uma soma respeitável. Nesse ponto os ianques levam vantagem sobre os latino-americanos. Visão e coragem para o negócio e paciência para o lucro demorado. Aqui, os capitalistas acham que inverter capital em cinema seria jogar pela janela uns bons cobres.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinem

Se o cinema o tem interessado muito, o mesmo não acontece com o teatro. A insignificância dos salários leva-o a desistir de qualquer contrato.

no primeiro trabalho, ele apareceu melhor.

Nesse meio-tempo, modificando-se a situação da Rádio Clube do Brasil, Zé Trindade alçou vôo, indo pousar na Mayrink Veiga. E' que Edmar Machado, carecendo de um humorista para o "cast" de sua emissora, encontrou qualidades no artista baiano. Já por essa altura, sem fazer qualquer publicidade, ele trazia dois sucessos musicais na sua bagagem de compositor. Sim, porque nas horas vagas, com o seu verdadeiro nome, que é Milton Bittencourt, ele escreve composições para os nossos astros da música popular. Um desses números, "Bahia na Boa", foi pôsto na cêra pelos "Anjos do Inferno", cabendo ao "Quarteto de Bronze" gravar para a fábrica "Odeon", segundo verificamos, a toada "Ogum".

Zé Trindade tem uma aparência agradável. Espírito alegre, nem por isso se mostra muito expansivo. Foge a qualquer contacto publicitário, preferindo falar dos outros a tratar de si próprio. Sua face é miúda, com olhos vivos e penetrantes, como que querendo adivinhar o pensamento alheio. À primeira vista, Zé Trindade mostra-se um tímido. E' preciso algum tempo para que fale à vontade e conte algo pitoresco de sua carreira artística. Quando se lhe fala de suas atuações nos diferentes programas da Mayrink Veiga, é muito comum responder: "Acho fraquíssimas..."

A margem de sua participação nos programas de sentido humorístico, tem participado ativamente das novelas. Estreou em "Era seu destino", uma história de Lourival Marques. Coube-lhe viver um cearense. Como no cinema, nosso herói começou no xadrez... Presentemente, participa de "Escola de Danças", em que vive o Ferruge. Também trabalha em "Poema da rua tranquila", interpretando um padeiro. Em ambas as caracterizações, diga-se de passagem, ele está à vontade.

O teatro, por sua vez, já tentou Zé Trindade. O primeiro convite lhe foi endereçado por Chianca de Garcia. Não fôsem as condições do contrato e a desigualdade dos vencimentos, talvez tivesse pisado o palco. Mais tarde, Dercy Gonçalves foi buscá-lo para participar de sua companhia. Zé pensou muito, para acabar concluindo pela desvantagem que a ribalta lhe oferecia. Por isso, continuou firme ao microfone. E, nos momentos de folga, o cinema. Ainda agora, vem de concluir "Aguenta firme, Izidoro", em que aparecerá ao lado de Totó, popularíssimo comediante paulista. Trabalha, ainda, na película "Anjo do Lôdo", que está sendo rodada na Cinédia.

Milton Bittencourt ou Zé Trindade, como queiram, vai excursionar pelo interior do Brasil, aproveitando as férias. Resta a seus admiradores torcer para que os dias passem rapidamente, a fim de que volte o mais cedo possível ao microfone PRA-9.

Nos áureos tempos da Rádio Club do Brasil, quando Aloisio Silva Araujo fazia a sua famosa «Cadeira de Barbeiro», Zé Trindade era um dos fregueses...



O SEGREDO DAS JOIAS

THE ASPHALT JUNGLE — Produção e distribuição da Metro-Goldwyn-Mayer (Hollywood), 1950. Produção de John Huston e Arthur Hornblow, Jr. Direção de John Huston. Cenário de John Huston e Ben Maddow, baseado num romance de W. R. Burnett. Cinegrafia de Harold Rossen. Sonografia de Douglas Shearer. Direção artística de Randall Duell e Cedric Gibbons. Decorações de Jack D. Moore e Edwin B. Willis. Partitura musical de Miklos Rozsa. Coordenação de George Boemler. ★ Elenco: Sterling Hayden, Jean Hagen, Sam Jaffe, Louis Calhern, James Whitmore, Marc Lawrence, John McIntire, Anthony Caruso, Teresa Celli, Barry Kelley, Marilyn Monroe, Brad Dexter, William Davis, Dorothy Tree, John Maxwell. ★ Lançado no Rio de Janeiro em outubro de 1950.

O sétimo filme de John Huston como diretor, e o quarto que dirige no pós-guerra, "The Asphalt Jungle" mostra que o cineasta sabe valorizar um assunto, consegue apresentar tipos convincentes através de caracterizações sutis, e mantém sempre um ritmo nervoso que imediatamente afeta a platéia.

Em sua carreira, apenas "O Tesouro de Sierra Madre" talvez deve ser posto numa categoria especial, não só por ser o seu trabalho mais importante, mas também por causa do assunto. "The Asphalt Jungle", entretanto, é outra fascinante galeria de tipos, e de maneira alguma faz feio na companhia de "The Maltese Falcon" (Relíquia Macabra) e "Key Largo" (Paixões em Fúria), com os quais parece formar uma espécie de trilogia do baixo-mundo norte-americano.

Superior ao recente "We Were Strangers" (Resgate de Sangue) em coesão, caracterização, e mesmo em direção, "The Asphalt Jungle" — cujo título brasileiro é deveras impróprio e infeliz — é a adaptação de um romance de W. R. Burnett, autor de "Little Caesar" (Alma de Lódo) e cenarista de "Scarface", de quem, anteriormente, Huston já cenarizou "High Sierra" (Último Refúgio). Trabalhando com Ben Maddow, o diretor elaborou um cenário que busca profundidade na exploração de tipos bem individualizados através de tiques, vícios, medos e ambições. Na verdade, o

Telas da Cidade

ALEX VIANY

que os cenaristas quiseram fazer foi uma psicanálise, ou um estudo clínico, de um grupo "profissional" atuando dentro de suas especialidades, e correndo os riscos e percalços que delas advêm. O resultado é eloquente e satisfatório, a não ser pela defesa extemporânea da polícia (numa seqüência muito bem filmada), que parece ter sido imposta pela censura. Também o final, em que vemos Sterling Hayden caído numa pastagem da fazenda onde passou a meninice, dá a impressão de ser um tanto rebuscado, possuindo um repentino e incomodativo lirismo, de certa maneira deslocado num todo de violência — mas que nem por isso deixa de causar algum efeito ao retocar o caráter interpretado por Hayden.

Dos atores, o melhor talvez seja Sam Jaffe, que compõe um tipo magnífico, mas Sterling Hayden, Louis Calhern, Marc Lawrence, Jean Hagen, James Whitmore e quase todos os outros aparecem como figuras em três dimensões, acidamente caracterizadas pelo toque preciso de Huston & Maddow. Nisso, além da colaboração dos intérpretes, os cineastas foram esplendidamente ajudados pela fotografia de Harold Rosson, sempre bem composta e funcional.

Ainda que limitado pelas estruturas do gênero, sendo em última instância um melodrama policial, "The Asphalt Jungle" obtém uma profundidade bem rara entre os seus semelhantes graças à inteligência e à observação de seus realizadores: há *suspense* e sátira na maneira por que o assalto é organizado e executado, como se fôra uma expedição científica e uma manifestação de arte; há um ferino comentário social na apresentação de policiais e bandidos, e, não fôra pela imposição da censura, o efeito teria sido muito mais contundente.

No comportamento dos intérpretes, há uma preciosa documenta-

ção humana, que nos dá curiosos relances da civilização norte-americana. Tanto assim que, apesar da arenga de John McIntire no final, guardamos conosco a estranha impressão de que há mais honra entre os transviados — e de que, com uma ligeira mexida na arrumação da estratificação social norte-americana, eles bem poderiam estar no lugar dos policiais corruptos e dos políticos venais.

★

NUVENS DE TEMPESTADE

THE WOMAN ON PIER 13, OU MARRIED A COMMUNIST — Produção e distribuição da RKO-Radio (Hollywood e San Francisco), 1948. Produção de Jack J. Gross e Sid Rogell. Direção de Robert Stevenson. Cenário de Charles Grayson e Robert Hardy Andrews, baseado numa história de George W. George e George F. Slavin. Cinegrafia de Phil Brigandi e Clem Portman. Direção artística de Walter E. Keller e Albert S. d'Agostino. Decorações de James Altwies e Darrell Silvera. Partitura musical de Leigh Harline. Direção musical de Constantine Bekaleinikoff. Coordenação de Roland Gross. ★ Elenco: Robert Ryan, Laraine Day, Jenis Carter, John Agar, Thomas Gomez, Richard Robert, William Talman, Paul E. Burns, Paul Guilfoyle, G. Pat Collins, Fred Graham, Harry Cheshire, Jack Stoney. ★ Lançado no Rio de Janeiro em outubro de 1950.

Acreditando, com o famoso sociólogo Siegfried Kracauer, que os filmes de um país refletem, de um ou outro modo, as opiniões e as tendências sociais e políticas do mesmo país, acredito também que todos os filmes de uma nação qualquer constituem, direta ou indiretamente, material de propaganda

de suas idéias e atitudes. Não é à-toa que Hollywood goste de exibir cozinhas brancas e confortáveis nas habitações de sua classe-média, ou mesmo de seu proletariado: lembro-me especialmente de um caso, no filme "Águas Turbulentas", em que Anne Revere, no papel de uma viúva de pescador, era mostrada repetidas vezes numa dessas cozinhas, em cenas perfeitamente superfluas.

O acúmulo de coisas assim tende a dar uma idéia inteiramente errônea da civilização de um país, e não é de admirar que os Estados Unidos sejam hoje em dia um dos países menos conhecidos do mundo, inclusive dos próprios americanos, que acabam adotando, como suas, as idéias e as atitudes impostas pelos filmes de Hollywood. Assim, estabelece-se um círculo dos mais viciosos, que ainda há de dar muitas dores de cabeça aos sociólogos de hoje e do futuro.

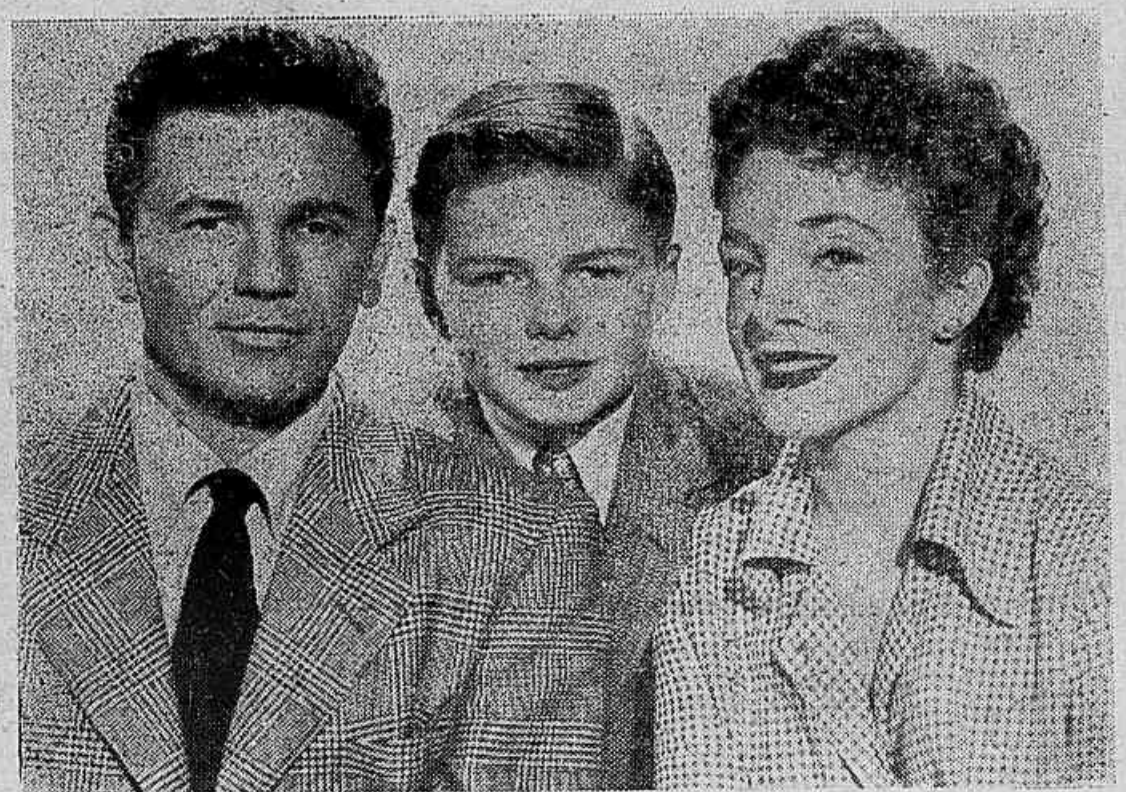
Se os fazedores de filmes dos Estados Unidos nem sequer sabem apresentar as ações e os fatos corriqueiros da vida quotidiana do seu país, não podemos estranhar a sua completa ignorância de hábitos, costumes e idéias de países estrangeiros, que para eles não ficam além-fronteira, como o México, ou logo ali na América do Sul, como o Brasil, ou além-mar, como a França — mas num mundo ainda mais afastado do que Marte, e ainda mais exótico do que as selvas africanas de Tarzan.

Quando se metem, então, a fazer propaganda ou contra-propaganda direta, os cineastrais de Hollywood mergulham até a cabeça no lodaçal da cretinice, e o resultado comum e contraproducente — como no caso deste ridículo "Nuvens de Tempestade", involuntariamente um dos filmes mais engraçados do ano.

Contando uma história bastante parecida com a de "Ameaça Vermelha", o cenário de Charles Grayson e Robert Andrews é típico da incompreensão e da histeria norte-americanas diante do fato histórico do marxismo. Se Hollywood tende a simplificar personagens e ideologias em seus métodos estereotipados de exposição cinematográfica, fica verdadeiramente simplória quando tem de enfrentar qualquer fato social ou político mais complexo. Assim, errou quase 100% em seus filmes de combate ao nazismo — filmes comprometidos, há-



«O SEGREDO DAS JOIAS»
Eloquente e satisfatório



«VINGANÇA DO DESTINO»
Hemingway diluído

sicamente, pelas próprias inconsistências da chamada "democracia americana", que permite o anti-semitismo e a inimizade geral entre raças e minorias — e erra ainda mais agora ao tentar lutar contra o fantasma polimorfo e intangível do comunismo.

Certos filmes, como o recente "Ilusão Perdida", conseguem ter algum valor como propaganda — e o cenário de George Seaton teve de admitir as tremêdas falhas da "democracia americana" para poder atacar, tímida e estonteadamente, o "inimigo" — mas, mesmo nos casos excepcionais, existe a inevitável (para Hollywood) estereotipagem de personagens e idéias, que jamais têm a profundidade de um herói de far-west ou de um desfecho demagógico à Capra, e cujo significado está bem à altura de um jardim de infância de imbecis privilegiados.

No caso de *Nuvens de Tempestade* — automaticamente aceito pelos hollywoodófilos de nossa crítica — o nível geral é indigno de uma chanchada dos Três Patetas. Até agora, não sei porque o filme foi feito. Nenhum comunista vai bater no peito, executando a *mea culpa*, ao vê-lo: ou sairá do cinema depois de dez minutos, indignado, ou dará gostosas gargalhadas, dependendo de sua capacidade intelectual e sua disposição no momento. Nenhum anti-comunista convicto há de aplaudir-lo, a não ser que tenha o cérebro atrofiado. E nenhum indivíduo que esteja na corda bamba cairá para lá ou para cá, ao assisti-lo, se tiver capacidade suficiente para resistir à cantada de um bêbado que lhe pede destões para uma abrideira.

Mas Hollywood, fonte inesgotável de ridicularias, continuará a produzir coisas da natureza de "Nuvens de Tempestade", "Ameaça Vermelha", "O Traidor", "O Danúbio Vermelho" e "A Cortina de Ferro", com tôda a ingenuidade que lhe é peculiar — e, de minha parte, sempre estarei disposto a gozar as suas tentativas de obedecer à histeria nacional anticomunista que atualmente assola os Estados Unidos, escondendo pouco a pouco as idéias democráticas de Jefferson, Lincoln e Roosevelt.

VINGANÇA DO DESTINO

UNDER MY SKIN — Produção e distribuição da 20th. Century-Fox (Itália, França e Hollywood), 1949. Produção e cenário de Casey Robinson. Direção de Jean Negulesco. Adaptação do conto "My Old Man", de Ernest Hemingway. Cinegrafia de Joseph La Shelle. Sonografia de George Leverell e Harry M. Leonard. Direção artística de Maurice Ransford e Lyle Wheeler. Decorações de Thomas Little. Partitura musical de Alfred Newman. Direção musical de Daniele Amfitheatrof. Coordenação de Dorothy Spencer. ★ Elenco: John Garfield, Michéline Presle, Orley Lindgren, Luther Adler, Noel Drayton, A. A. Morola, Otto George, Paul Bryar, Ann Codee, Steve Geray, Joseph Warfield, Eugene Borden, Loulette Sablon, Alfonso Martell. ★ Lançado no Rio de Janeiro em outubro de 1950.

Ernest Hemingway, que, com John dos Passos e William Faulkner, forma o trio mais influente de modernos romancistas norte-americanos, tem tido muitos de seus romances e contos aproveitados pelo cinema, destacando-se, entre os primeiros, "Adeus às Armas" e "Por Quem os Sinos Dobram", e, entre os segundos, "The Killers" (Assassinos) e "The Short Happy Life of Francis Macomber" (Covardia).

"Vingança do Destino" tem por base o conto "My Old Man", em que um rapaz rememora, nostálgicamente, as qualidades de seu falecido pai, um jóquei que perambulava pelos prados de corrida da Europa, enquanto o leitor vai percebendo, da maneira mais incômoda, que o herói do narrador foi, na verdade, um patife de quatro costados. Na adaptação de Casey Robinson, o conto não só é necessariamente diluído a fim de estender-se por uma película de longa-metragem, mas também abastardado em suas implicações, tendo o jóquei uma morte gloriosa, que o redime aos olhos da platéia, do seu filho, e da mulher amada.

Enquanto o "conto cinematográfico" — tal como apresentado em filmes da qualidade de "Quarteto", "Trio", "Mistérios da Vida", "Se Eu Tivesse um Milhão" e "Seis Destinos" — não tiver maior acei-

tação por parte do público, oferecendo as devidas vantagens aos produtores-comerciantes, teremos de ficar conformados com alongamentos desta natureza, em que sempre se perdem as intenções, o estilo e o próprio significado dos contos originais.

Em "Vingança do Destino", John Garfield compõe sem dificuldade um tipo que ele próprio poderia interpretar com maior força, se tivesse o apoio de um cenário mais alinhavado e de uma direção mais sensível. Mas talvez o melhor papel caiba ao garôto Orley Lindgren, que não tem a aparência de menino precoce, e que, portanto, chega a ser bastante eloquente. Quanto a Michéline Presle (ou Prella, como querem os norte-americanos), até parece ter sido colocada no filme para decepcionar os fãs conquistados em "Le Diabre au Corps".

Um filme apenas razoável — desapontando como adaptação de Hemingway, e também como trabalho de Casey Robinson e Jean Negulesco — "Vingança do Destino" nem sequer fez bom uso dos ambientes europeus onde os seus exteriores foram fotografados.



MOTORISTA TERREMOTO

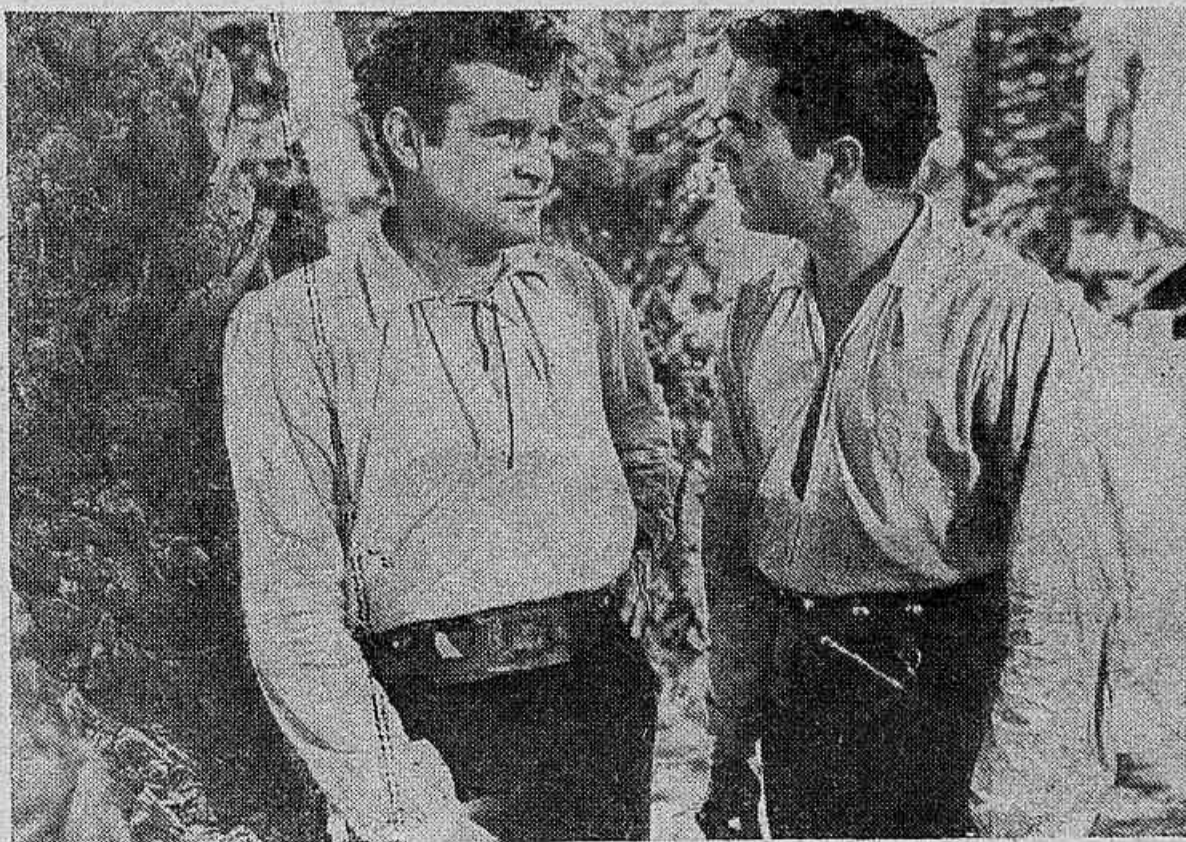
THE YELLOW CAB MAN — Produção e distribuição da Metro-Goldwyn-Mayer (Hollywood), 1949-50. Produção de Richard Goldstone. Direção de Jack Donohue. Cenário de Devery Freeman e Albert Beich, baseado numa história de Devery Freeman. Cinegrafia de Harry Stradling. Efeitos cinegráficos de A. Arnold Gillespie e Warren Newcombe. Sequência de efeitos em distorção por Weegee. Sonografia de Douglas Shearer. Direção artística de Eddie Imazu e Cedric Gibbons. Decorações de Keogh Gleason e Edwin B. Willis. Partitura musical de Scott Bradley. Direção adjunta das sequências cômicas por Edward Sedgwick. Coordenação de Albert Akst. ★ Elenco: Red Skelton, Gloria de Haven, Walter Slezak, Edward Arnold, James Gleason, Jay C. Flippon, Paul Harvey, Guy Anderson, John Butler, John Indrisano, Polly Moran. ★ Lançado no Rio de Janeiro em outubro de 1950.

Ao contrário do que aconteceu com a maioria de suas comédias anteriores, Red Skelton conseguiu bons cenaristas em "Motorista Terremoto", e o resultado é que compõe um tipo verdadeiramente cômico, aproveitando-se com unhas e dentes da oportunidade.

Skelton é um pobre coitado, meio amalucado, que inventa coisas impossíveis e mora num apartamento cheio de percalços para o visitante desprevenido. Como muita gente que anda por aí, ele namora o perigo, parecendo estar sempre à procura de um fim precoce para os seus dias. É o tipo de homem que não deve mesmo passar debaixo de uma escada, pois certamente o pintor que está lá em cima largará a lata de tinta em sua cabeça, caindo depois na mesma localidade, e ainda trazendo a própria escada sobre o que restar do infeliz.

Na melhor sequência do filme, tudo o que é possível e impossível acontece, partindo de um começo que bem poderia ter sido abandonado por cenaristas menos apercebidos das possibilidades ilimitadas da comédia cinematográfica. Como chofer de táxi, Skelton pára o carro em cima do meio-fio e defronte de uma bomba de incêndio, a fim de atender a uma freguesa. A freguesa, que é gorda e exuberante, passa-lhe o filho enquanto procura algo na bolsa. O garôto, que chupa um pirulito, mete esse incômodo objeto na boca do chofer. E, vendo que de lá não sai, desata a chorar, denunciando o infeliz como ladrão de pirulitos. A mãe, desesperada, sai à procura de outro pirulito. E o chofer, para consolar o garôto, exhibe-lhe seu relógio. Apossando-se do relógio, o garôto não tarda em metê-lo numa caixa de correio. E a situação cômica vai se desenvolvendo, num crescendo descontrolado e cada vez mais absurdo, até aquele plano geral em que vemos carros de bombeiros, metade da força policial de Los Angeles, uma multidão estarecida, além de diversos táxis que se perseguem uns aos outros em redor de um quarteirão, enquanto dois noivos se beijam num táxi em ruínas, enquanto se espera que uma bomba estoure na caixa do correio, e enquanto a polícia, no táxi de Red Skelton, persegue

(Cont. na pág. 33)



«ROSA NEGRA»
Folhetim episódico



«MOTORISTA TERREMOTO»
Gargalhadas garantidas

LANÇAMENTOS NO BRASIL EM 51

NOSSA REPORTAGEM OUVI A PALAVRA DO SR. JEFIN RANOWICH, DIRETOR-PRESIDENTE DA FRANÇA FILMES DO BRASIL, ACERCA DOS PRÓXIMOS GRANDES LANÇAMENTOS DESSA EMPRESA EM NOSSO PAÍS. — ERROL FLYNN E UM ELENCO EXTRA NUM FILME FRANCÊS — NICOLE COURCEL, A "ESTRÊLA" DO ANO — A VOLTA DO DIRETOR MARCEL CARNÉ — CECILE AUBRY SEM SATISFAÇÃO — UMA SÉRIE DE FILMES SELECIONADOS PARA AS PLATÉIAS DO BRASIL.

O cinema francês de hoje avança em ritmo acelerado, tanto no conceito público internacional como na opinião dos mais abalizados cultores da sétima-arte no seu campo artístico. A diferença entre a produção francesa que se faz desde 1948 e a que se viu até 1947, é positivamente clara. Ou explicando melhor: enquanto que os filmes franceses de 1939 até 1947 se apoiavam apenas no seu valor artístico, dependendo unicamente de um gosto essencialmente intelectual, os de 1948 para cá são, ao contrário, de um agrado geral que abrange vitoriosamente diversas camadas.

E haja vista sucessos como "Escravas do amor" (Dédée D'Anvers), "Anjo Perverso" (Manon), "Vítimas do destino" (Au Royaume des Cieux), "Por uma noite de amor" e tantos outros exibidos recentemente na capital e em vários pontos do território brasileiro.

Esses filmes, como tantos outros aplaudidos pelo público e a crítica internacional, são parte do grande programa de distribuição que a França Filmes do Brasil — empresa ligada diretamente ao "Consortium Franco-Americain de Films" (Cofram), com sede em Paris — iniciou há cerca de três anos em nosso país. O primeiro êxito da França Filmes, "A Mão do Diabo" (La Main du Diable), teve a propriedade de angariar uma verdadeira simpatia do

público brasileiro pelo filme francês, além de revelar um futuro grande ator na pessoa de Pierre Fresnay, que logo mais teve o seu prestígio consolidado graças a inolvidável interpretação que deu a "Monsieur Vincent, Capelão das Galeras". Outros enormes sucessos seguiram-se. Em geral, filmes que se mantinham, como até agora, quatro, cinco, seis e até sete semanas em cartaz, num único cinema. Esses incontestes triunfos do cinema francês no Brasil, deram aos distribuidores em geral idéias novas para bons lançamentos, assim como orientaram os produtores para um novo caminho.

UMA GRANDE ORIENTAÇÃO

E esse caminho tem hoje os seus frutos objetivos. O cinema francês, liberto de certas convenções, passou à outro extremo: o da qualidade ligado a um agrado geral por parte do público. Diretores, técnicos e artistas passaram

★

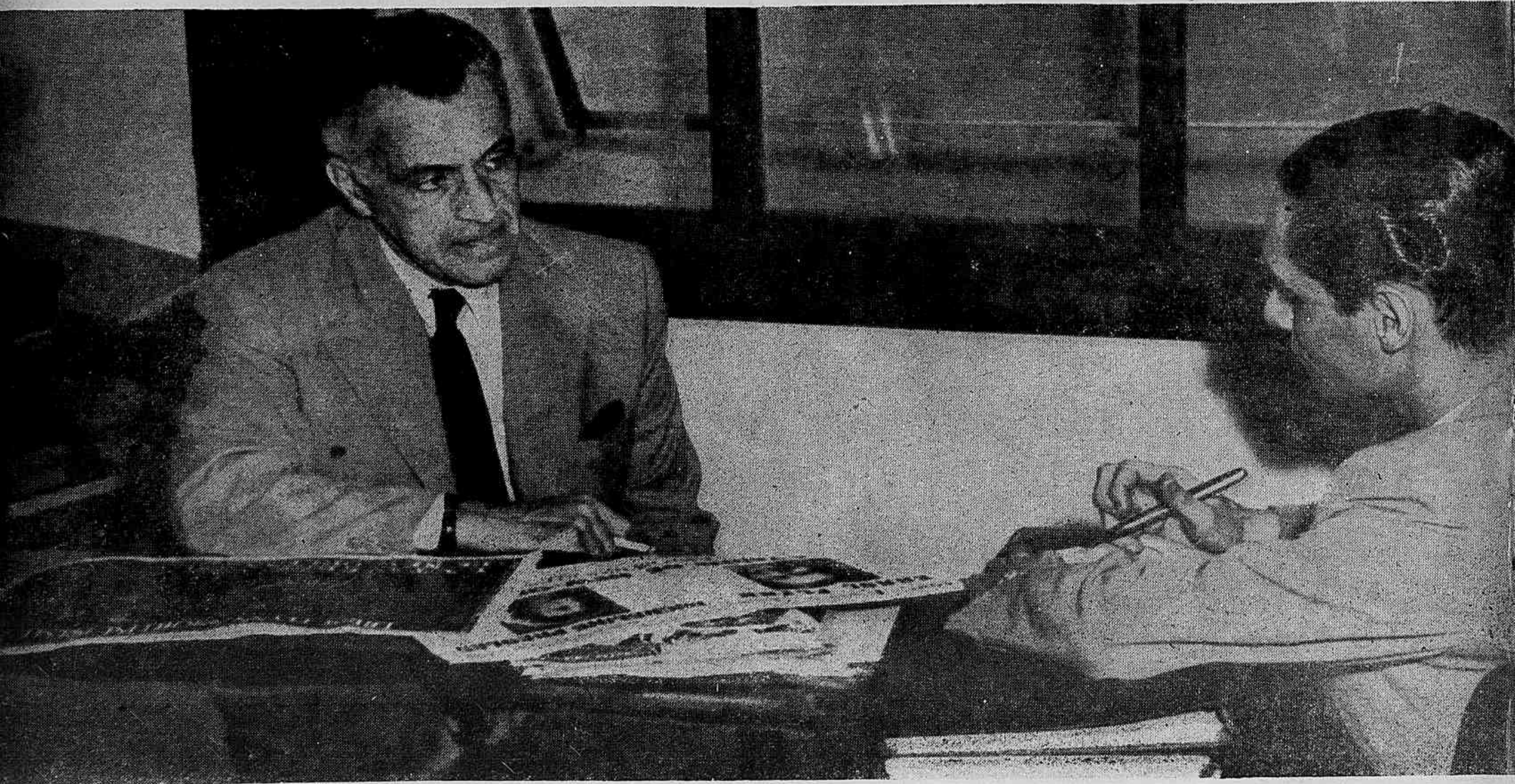
«O público encontrará na produção francesa que apresentaremos na próxima temporada, motivos de justos interesses — declarou o sr. Jefin Ranowich, diretor presidente da França-Filmes no Brasil à reportagem de «A CENA»

à renovação. Surgiram ainda valores novos em diversos campos. O público e os críticos aplaudiram sem reservas os nomes de Cecile Aubry, Simone Signoret, Odette Joyeux, Serge Reggiani, Anouk Aimée, Michel Auclair, Jean Marais, George Marchall, no grupo dos intérpretes, e Claude-Autant Lara, Jacques Becker, Henri-Clouzot, André Cayatte e tantos outros na parte diretorial e técnica. Foram nomes revelados por um cinema de sangue novo, moderno, dinâmico e sobretudo orientado com o maior brilhantismo.

Diretamente ligada à essa renovação, apareceu a França Filmes do Brasil, cujas apresentações, sem dúvida, valem hoje, perante todo o nosso público, sinônimos de absoluta qualidade. O programa inicial dessa empresa foi cumprido até hoje com os melhores propósitos. A segunda parte desse mesmo programa vai ter início em 1951, liderando um importante grupo de produções, as mais recentes, rodadas em diversos estúdios franceses, com garantia de nomes famosos em seus elencos, na parte diretorial e técnica.

PRODUÇÃO SELECIONADA

No intuito de informar ao público, todas as determinações da produção da França Filmes do Brasil para 1951, procuramos ouvir a palavra



do sr. Jefin Ranowich, que é o Diretor-Presidente daquela organização em nosso país.

Inicialmente, disse-nos S. S.:

— “Como já é de domínio público, a nossa empresa, cuja orientação geral se deve ao sr. Jean Séfert, do “Consortium Franco-Americain de Films”, cumpriu galhardamente as suas promessas de apresentar o melhor e sempre o melhor do que se produz no cinema francês atualmente. Os êxitos dos nossos filmes deixaram patente o interesse geral das platéias do Brasil pela cinematografia francesa do após-guerra, e consequentemente essa solidariedade se fez sentir decididamente em nossos desejos de dar ao público aquilo que melhor lhe convém. Estamos certos de que atingimos esse caminho de 1948 até 1950. E mais certos estamos de que continuaremos na mesma trilha com a produção que temos para apresentar em 1951.”

E o sr. Jefin Ranowich passa a mostrar ao repórter alguns informes, “press-shets”, fotos, etc., que compõem a produção que a sua empresa nos vai apresentar próximamente. E’ bem grande a lista, pelo que nos foi dado ver, ainda que de relance.

AS GRANDES SURPRESAS

A primeira fita de classe que encabeça um enorme grupo, será “La Taverne de New Orleans”, que tem nos principais papéis Errol Flynn, Micheline Presle, Vincent Price, e a característica Agnes Moorehead. Fizemos então, ver ao sr. Jefin a nossa surpresa em encontrar os nomes de legítimos atores americanos, Flynn, Price e Moorehead, à exceção de Micheline Presle, num filme francês. Explica-nos então S. S. que realmente essa é a maior surpresa na produção distribuída pela França Filmes. Além dos nomes que reúne, “La Taverne de New Orleans” tem uma garantia por parte do seu diretor, que é Robert Florey, e a impressionante narrativa de que é possuído, aliás baseada numa história original do próprio Errol Flynn. Este filme, ainda que inteiramente rodado na França, é todo êle falado em inglês. Pela história, pelo elenco e outras qualidades, “La Taverne de New Orleans” promete ficar entre os mais expressivos êxitos da temporada vindoura.

Logo depois virão mais os seguintes filmes: “Justice est faite” (com o título brasileiro provisório de “Justiça é feita!”), que acaba de obter o maior galardão do Festival de Veneza, onde foi considerado o *melhor filme*. A direção de “Justice est faite” — cuja história se baseia num audacioso caso de Eutanásia — pertence ao jovem realizador André Cayatte, e o elenco inclui Michel Auclair, o promissor “leading-man” de Cécile Aubry em “Anjo Perverso”, e ainda um novato, Claude Nollier. “La Ronde”, o filme que reúne um elenco nunca antes visto num filme francês: Simone Signoret, Jean-Louis Barrault, Simone Simon, Fernand Gravey, Serge Reggiani, Gérard Philippe, Danille Darreux, Odette Joyeux, Isa Miranda, Anton Walbrook, Daniel Gelin e Bernard Blier. Max Ophuls realizador de nomeada no mundo do cinema, é o diretor de “La Ronde”, que para o Brasil chamar-se-á “Conflitos de amor”. O Festival de Veneza outorgou à “Conflitos de amor” dois prêmios: um para o *melhor argumento* e outro para o *décor*.

Cécile Aubry — não a Cécile Aubry sofisticada recentemente — mas a mesma, e talvez melhor que a talentosa atriz que vimos pela primeira vez em “Anjo Perverso”, de Clouzot, reaparecerá em “Barbe Bleu” (Barba-Azul), versão francesa da célebre história com Pierre Brasseur no papel-título. A direção de “Barbe Bleu” é de Cristian Jaque e a fotografia foi feita pelo processo colorido “Gevacolor”.

Também está na nossa lista de produção para 1951 — prossegue o nosso entrevistado — um filme cuja fama vem correndo o mundo inteiro, mercê de suas inequívocas qualidades. Trata-se de “Eterna Ilusão”, ou melhor “Rendez-vous de Juillet”, que é como se chama no original este drama que tem ainda a garantir-lhe o nome do diretor Jacques Becker, de quem já vimos recentemente “Antônio e Antonieta”. Os intérpretes de “Eterna Ilusão”, alguns veteranos outros sensacionais descobertas, estão assim divididos: Daniel Gelin, que há bem pouco apareceu ao lado de Marlene Dietrich e Jean Gabin em “Mulher Perversa”, Brigitte Aubert e Nicole Courcel.

★

Pierre Bresnay e Simone Valere, numa cena de “Sua Última Missão”, um dos futuros lançamentos franceses no Brasil.

O PÚBLICO TERRA DO MELHOR

A série é longa — diz-nos o sr. Jefin — e enumerá-las seria mesmo um sacrifício para os seus leitores. Vou, portanto, em resumo, acrescentar outros tantos filmes de igual importância em nossa produção. “Paixão Abrasadora” (Le Marie du Port), é o filme que marca a volta do diretor Marcel Carné ao cinema francês, mas um Carné diferente do seu estilo costumeiro de realizador, que embora artístico era lento e elaborado em demasia. Jean Gabin e Blanchette Brunoy faz as honras de belas interpretações, secundado por Claude Romain e uma novata promissora, um gênio artístico de primeira ordem: Nicole Courcel; “Sua última missão (Barry) e “Horizontes vencidos” (Au Grand Baloon), o primeiro um filme que gira em torno de uma bela e envolvente história, e o segundo um drama dos ares, sobre a travessia de Jean Mermoz pelo Atlântico Sul, para consolidar as forças da aviação comercial francesa, aliás um feito eminentemente histórico nos anais da aviação mundial, são interpretados por Pierre Fresnay, o que é uma garantia para qualquer platéia. Em “Sua última missão”, Fresnay é coadjuvado por Simone Valère e dirigido por Richard Pottier, e em “Horizontes vencidos” tem como companheiro de interpretação Georges Marchal, sob a direção de Henri Decoin; de Jean Gabin, com Martine Carol, a perturbante segunda figura feminina de “Os amantes de Verona”, teremos ainda “Sombras do passado” (Miroir), película que aborda magistralmente um tema quase novo para o cinema francês: o banditismo; “Escravos da terra” (La Ferme du Pendu) segue de perto — embora em estilo próprio, caracteristicamente francês — a idéia do diretor Jean Renoir quando realizou “The Southerner”, com Zachary Scott e Betty Field. E’ um filme onde a bucólica paisagem campestre contrasta com a ousadia de seu tema, onde se encontra rara violência e realismo.

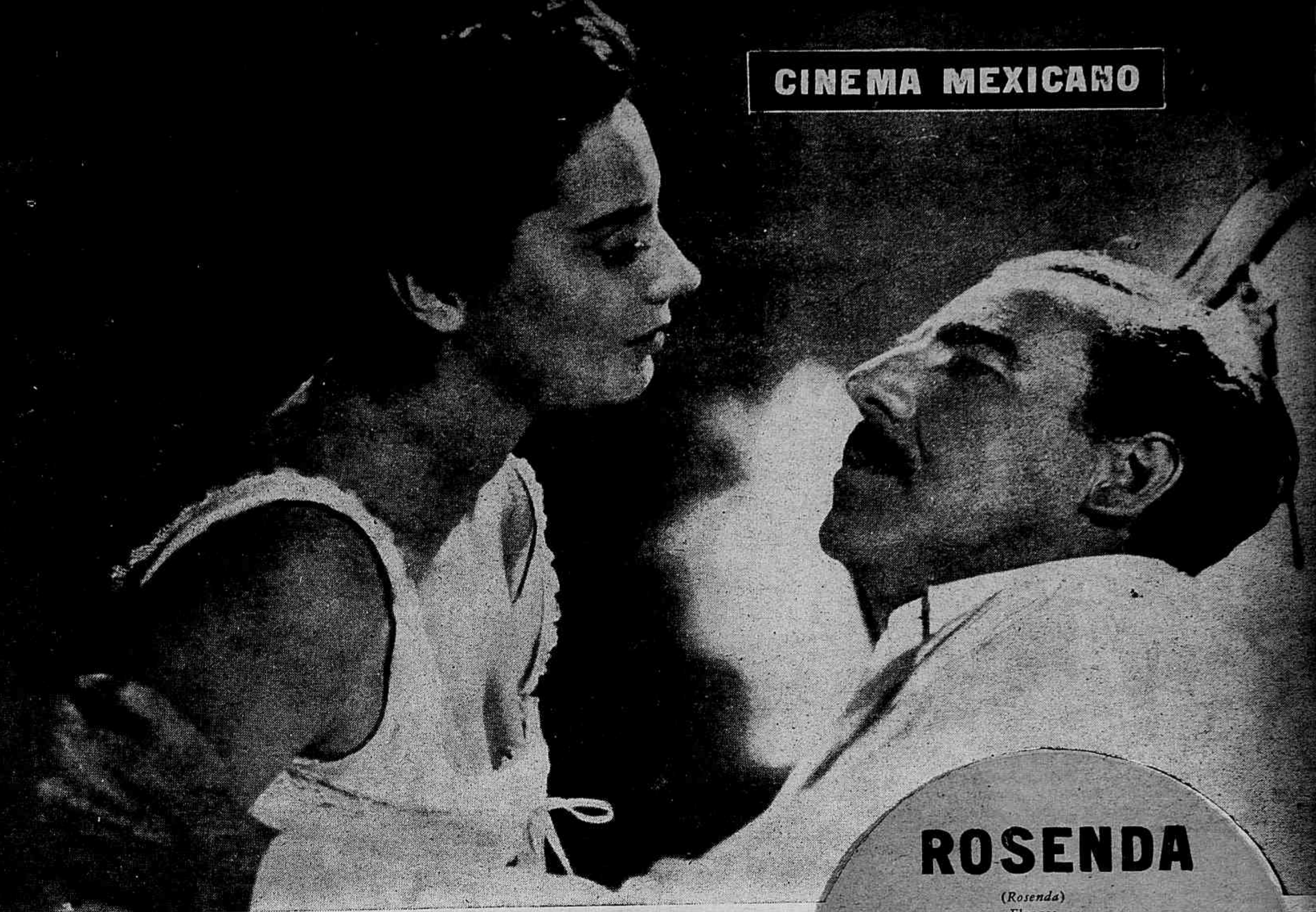
Finalizando, diz o sr. Jefin Ranowich: — “A nossa organização crê, com sinceridade, que estes filmes vão garantir êxitos seguros para o cinema francês, conquistando muitas simpatias e novas legiões de fãs no Brasil. Estamos bem certos disto. E mais certos ainda quando vemos que a nossa produção é selecionada, dentro do mais absoluto critério.”

«Paixão Abrasadora» — novo filme da dupla Gabin-Carné, que traz uma nova revelação: Nicole Courcel.





ALLAN LADD (PARAMOUNT)



... ativa e frágil, sensual e ardente, la estava ela ao lado daquele a quem havia dado o seu coração...

Resumo

DON PONCIANO (Fernando Soler) homem de quarenta e cinco anos aproximadamente, solteirão, figura proeminente entre seu povo e dono de uma venda, é abordado por Salustio (Rodolfo Acosta), jovem rancheiro, seu empregado, que se deseja, e, para isso, pede a D. Ponciano que faça em seu nome o pedido de sua noiva, uma jovem e bela camponesa chamada Rosenda Rita Macedo. Acompanhado do seu compadre

Perea, o farmacêutico do lugar, D. Ponciano se dirige à casa de Rosenda para atender ao pedido de Salustio.

A surpresa do pae da moça não tem limites ao saber que sua filha quer casar-se com Salustio. E' tal o seu desgosto ao comprovar a verdade que não só consente como também a manda embora de casa. D. Ponciano e seu compadre regressam com Rosenda à cidade. Esta fica maravilhada, pois nunca vira coisas tão belas. Surge então um sério problema para D. Ponciano. Ro-

(Cont. na pág. 24)

... ela soube amar com o ardor do sol dos seus campos, mas o destino depois fê-la sofrer, o que ela também soube fazê-lo com a indomita pujança dos rios da sua terra...



ROSENDA

(Rosenda)

Elenco:

| | |
|-------------------|--------------------|
| D. Ponciano | Fernando Soler |
| Rosenda | Rita Macedo |
| Perea | Nicolas Rodrigues |
| Salustio | Rodolfo Acosta |
| Cura | Francisco Reiguera |
| Tenente | Don Chicbo |

Argumento cinematográfico de: Julio Bracho e Salvador Elizondo.

Baseado na novela do mesmo nome, de: José Ruben Romero.

Produção de: Clasa Filmes Mundiales.

Distribuição de: "Pelmax".



DA IDADE ANTIGA À MODERNA (I)

por LIDIA SALZBERGER

Para seu super-espetáculo em Technicolor, "Sansão e Dalila", o produtor Cecil B. DeMille esforçou-se para que a apresentação, à admiração pública, de Hedy Lamarr, tivesse o melhor efeito possível. O sempre consciencioso produtor requereu os serviços de Edith Head, a melhor costureira da Paramount, e deu-lhe três assistentes, Dorothy Jeakins, Owen Wakeling e Elois Jussen.

Edith, junto com o costureiro Gile Steele, confeccionou o mais belo e colorido guarda-roupa que um filme já apresentou para uma estréla. Junto com Hedy Lamarr estão: Victor Mature, como "Sansão"; George Sanders, Angela Lansbury e Henry Wilcoxon.

Hedy Lamarr aparece em dez trajes diferentes, cada qual mais escasso e apto a tornar uma atriz o protótipo de "glamour" e fotogenia. Nada mais agradável que vê-la, emoldurada numa das criações de Miss Head, cujos modelos, feitos sob medida, foram inspirados na era antiga, de há cinco mil anos atrás.

Na Idade-Antiga, não se usavam tecidos pesados na confecção dos vestuários, as mulheres apresentavam as espaldas nuas, a saia aberta do lado, cingida exatamente como os trajes de hoje, decotados como a moda hodierna. Tal como o original, Lamarr personificou uma "Dalila" sensual, como rezam a história e a ciência.

(Cont. na pág. 30)



Sentada em um muro de jardim, para iniciar sua atuação na produção de Cecil B. DeMille, Hedy Lamarr veste esta criação de duas peças, cuja saia pregueada, é feita de algodão de cores vivas e aberta do lado. A blusa é confeccionada com um tecido leve e azul.

Edith Head adaptou este modelo para uma moderna «Dalila», de um dos apresentados em «Sansão e Dalila». Convém notar os adereços que os acompanham, tais como: a faixa que cinje a cintura, o bracelete, o ornato do tornozelo e as sandálias, todos à moda do modelo original.



Hedy Lamarr veste esta luxuosa criação em «chiffon» turquesa, para o casamento de «Sansão» (Victor Mature) com Semadar (Angela Lansbury), que incarna sua irmã no filme.

Para sua moderna interpretação do modelo anterior, Miss Head sugere filó preto e o uso de lantejoulas recobrimdo o corpete, como foi copiado do vestido original de «Dalila». Compondo o vestido, ela confeccionou uma capinha para os ombros, do mesmo tecido lantejoulado.

O famoso modelo «pavão» de «Dallas» é bordado com guarnições de jóias que imitam a plumagem da maravilhosa ave. Miss Head usou um modelo antigo, decotado, preso por uma atilho à altura das espáduas.

A famosa desenhista criou este moderno vestido de «soirée», calcado no original modelo «pavão». Um ramilhete de guarnições, bordado com lantejoulas e brilhantes, orna a frente do vestido. Um «echarpe» com motivos sobre o pavão recobre os ombros e simula, em versão moderna, a cauda do modelo usado por «Dallas».



Edith Ho

28A

O traje de banho de «Dallas em «Sanção e Dallas é feito de duas faixas largas, de algodão, uma de tecido liso, outra com estrias de cor.

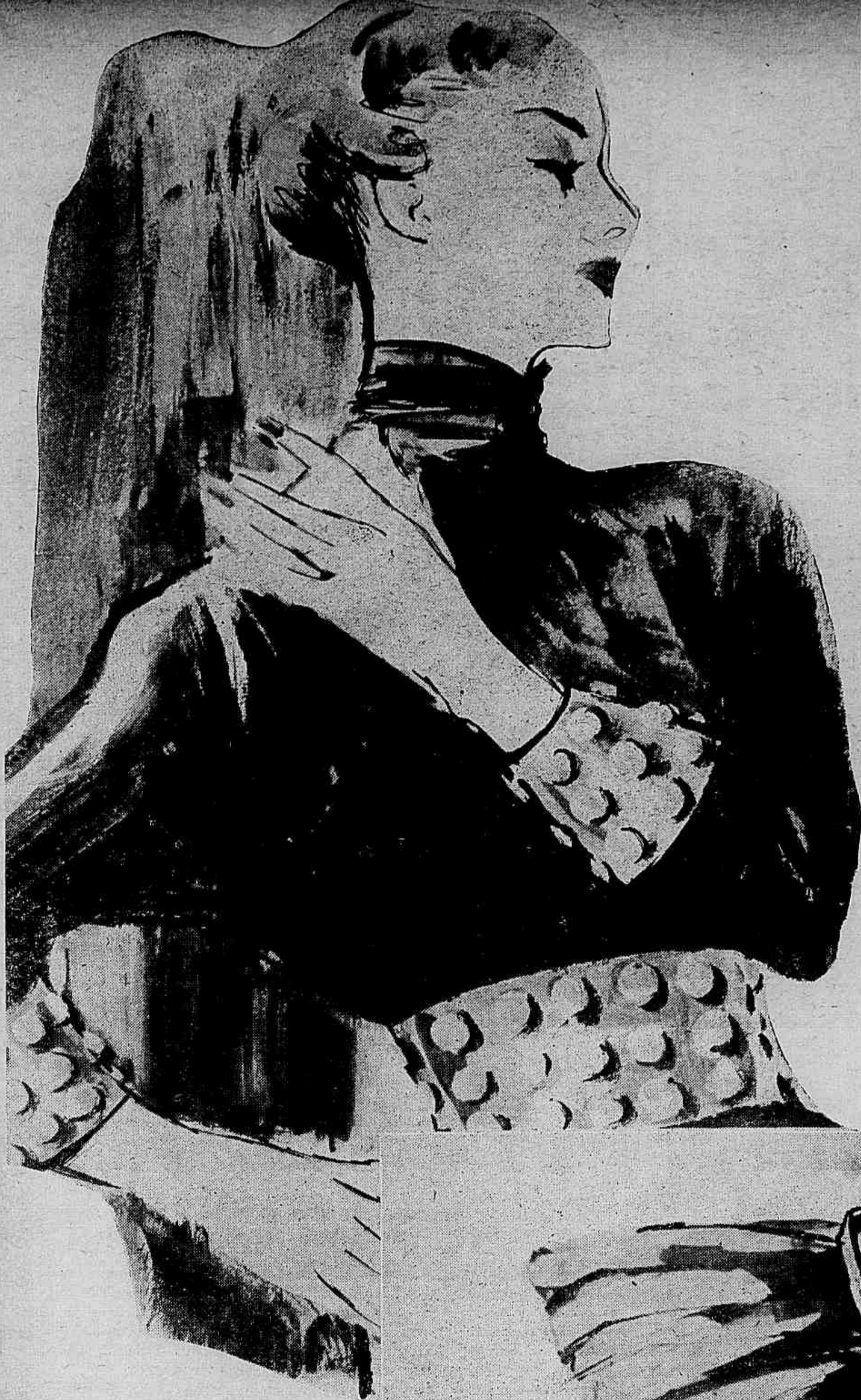
A versão moderna do modelo transforma a saia em um maiô de duas peças, usando o mesmo desenho de algodão estriado.



Este é o vestido vermelho e roxo de «Dallas», feito com duas peças separadas na cintura e um «drapé» caindo na frente.

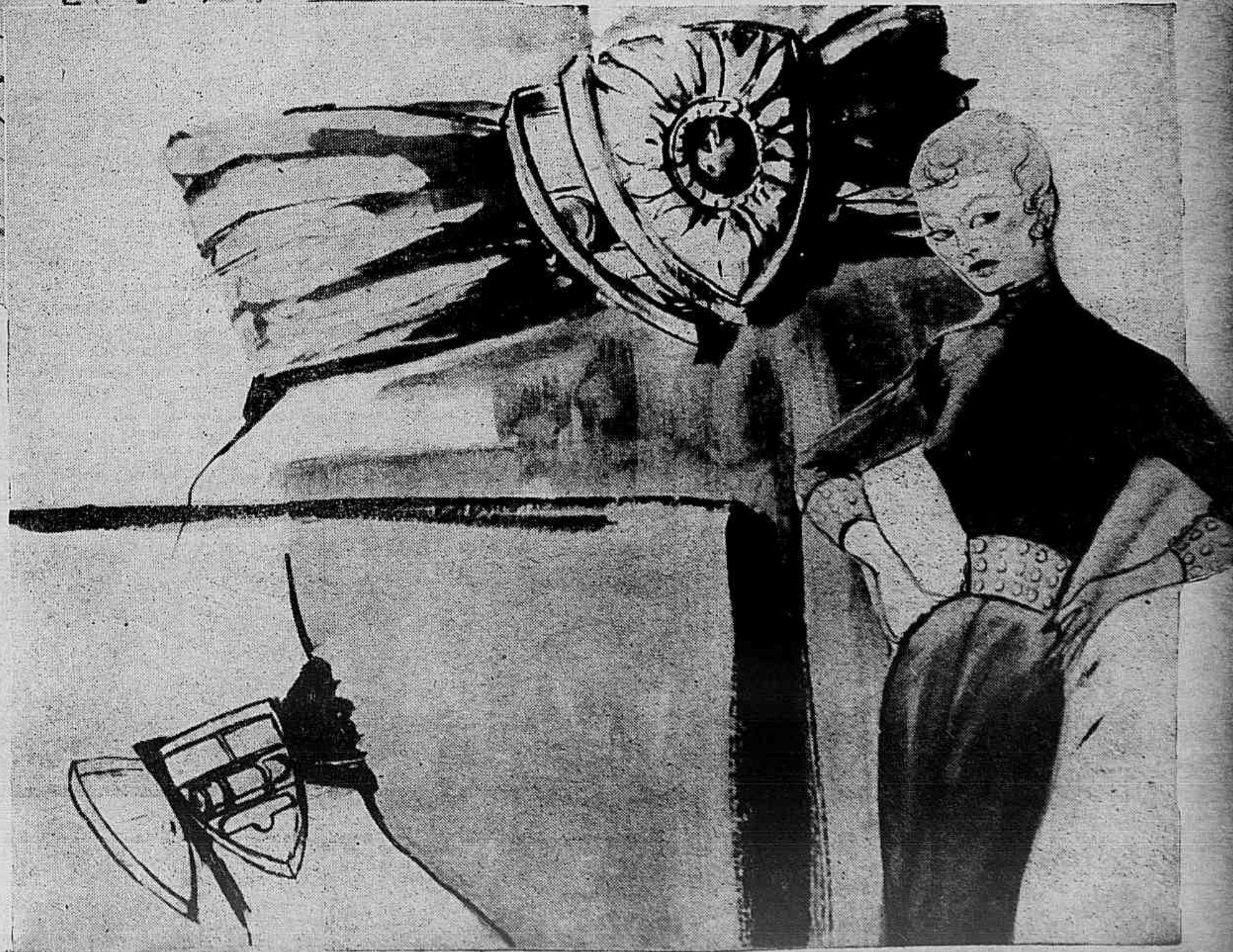
Modernizando esta criação, Miss Head imprimiu motivos em cor violeta sobre um fundo branco, com largos debruns, também violetas.

1117 224 A

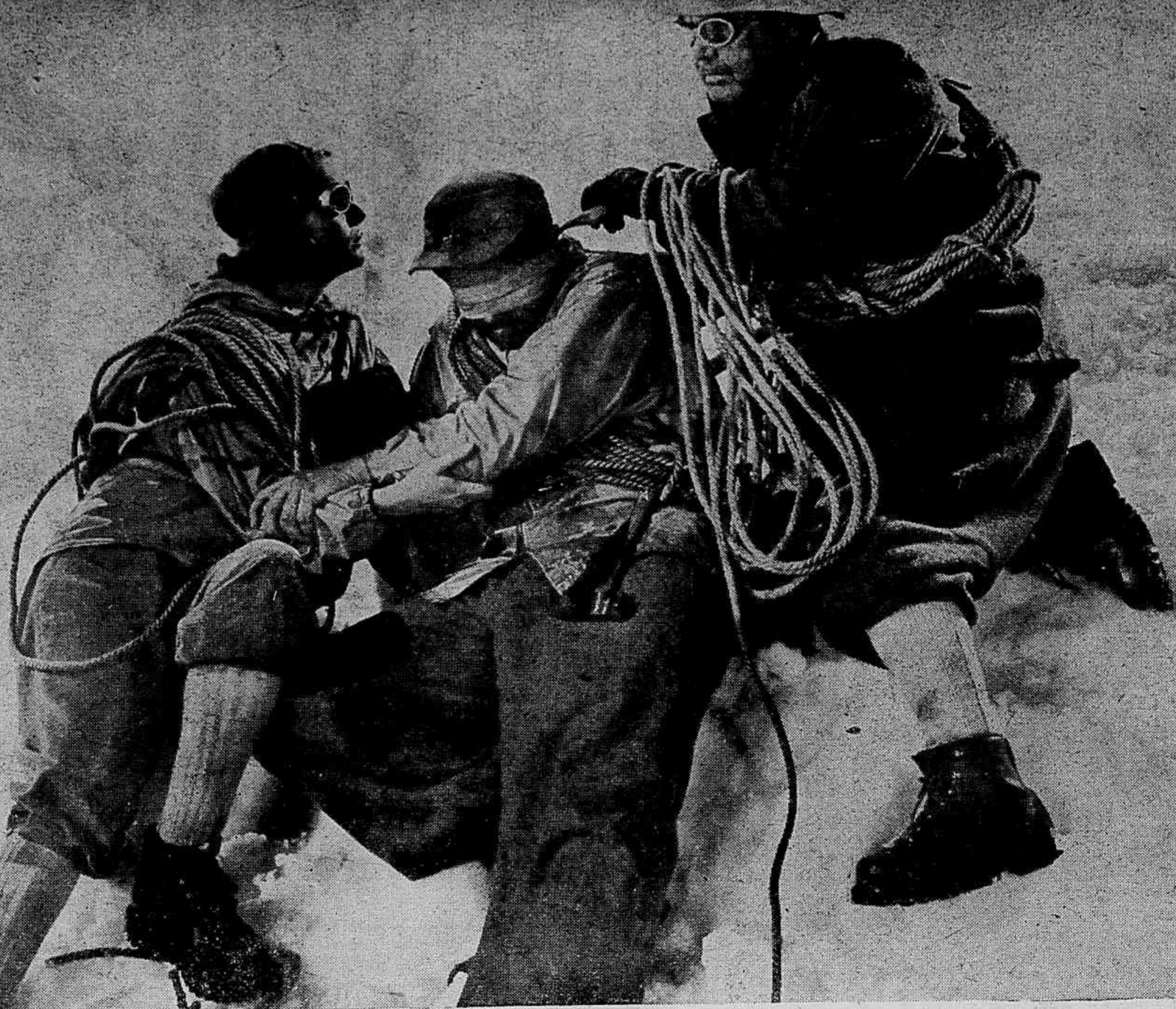


Victor Mature, no seu papel de «Sansão», usava, praticamente, como vestuários, peles cingidas por um cinturão, e uma pulseira de couro. Como podemos ver, os costureiros inspiraram-se neles para confeccionarem acessórios dos modernos vestuários femininos.

Uma das versões modernas desses vestuários, é um cinturão de couro-camurça, com aplicações de ouro e largos punhos pontilhados com botões dourados.



Outra versão desse modelo é este cinturão trabalhado que combina as pulseiras com um pregador para ornamentação. O broche emoldura um belo desenho, e no interior carrega o pó-de-arroz, enquanto a pulseira contém um baton.



NEVE E SANGUE

SINOPSIS

(THE WHITE TOWER)

ELENCO

| | |
|---------------------------------|---------------------------|
| Martin Odway | Glenn Ford |
| Carla Alten | Alida Valli |
| Paul Delambre | Claude Rains |
| Andreas Berner | Oscar Hamolka |
| Nicholas Radcliffe.. | Sir Cedric Hard- wicke |
| Hein | Lloyd Bridges |
| Sra. Astrid Delam- bre | June Clayworth |
| Frau Andreas | Lote Stein |
| Knubel | Fred Essler |
| Frau Knubel | Edit Angold |

Produção de SID ROGELL
 Direção de TED TETZLAFF
 Argumento de PAUL JARRICO
 Baseado numa novela de JAMES RAM-
 SEY ULLMAN. — (Filme da R.K.O.)

TERMINADA a última guerra, a bonita Carla Alten (Alida Valli), volta à cidade suíça de Kanderlatt, situada perto do enorme pico da «Torre Branca» (The White Tower). Há 10 anos atrás, o pai de Carla perdera a vida ao querer realizar o seu grande sonho: escalar a íngreme montanha, aspiração de muitos alpinistas, aos quais se junta, agora, a arrojada moça. Carla é recebida na estação de Kanderlatt, pelo guia Andréas Berner (Oscar Homolka) e pelo geologista inglês Nicholas Radcliffe (Sir Cedric Hardwick), ambos amigos de seu pai, que a levam para uma estalagem no pequeno vale de Kanderlatt. Apesar de correr o gélido mês de setembro, época imprópria aos esportes de inverno, encontram-se ali outros hóspedes, de várias procedências, entre os quais

figura um tipo curioso de jovem, o americano Martin Ordway (Glenn Ford), aparentemente um carater folgazão e egoísta, que passa a maior parte dos seus dias devaneando com as notas da sua harmônica. E' que, certo de que sobreviverá breve uma outra guerra, prefere, êle no seu egocentrismo, esperá-la sentado confortavelmente em qualquer lugar da pacífica Suíça... Há, também, um casal de nobres franceses, o Sr. e a Sra. Paul Delambre (Claude Rains e June Clayworth), e o louro Siegfried Hein (Lloyd Bridges) ex-membro do partido nazista. Andreas diz a Carla não ter conseguido nenhum guia que a transporte à «Torre Branca», pois, devido ao tempo, nenhum deles lá se encontra. Os poucos com quem êle, Andreas, conseguiu falar, recusam-se à tarefa! Receiam aceitar a incumbência e consideram uma louca fantasia o seu tenaz propósito de subir à montanha que custára a vida de seu pai. Até mesmo o próprio



Claude Rains — Sir Cedric Hardwick — Glenn Ford — Lloyd Bridges — Oscar Hamolka — Alida Valli



Andreas não a acompanhará. Carla diz, então, que arranjará amadores que a queiram guiar, e, à queima-roupa, convida Martin. O rapaz retruca, rudemente, que não vê interesse em escalar uma montanha. Mas Radcliffe ofereceu-se, apesar da sua idade, e Delambre também. Vendo o espírito determinado da moça e a solidariedade dos outros, Andreas muda de idéia e resolve ser o guia. Hein mostra vontade de tomar parte na escalada, mas Carla não quer, a princípio, por ser o rapaz um antigo «nazi». Mas Radcliffe lembra-lhe que Hein é um alpinista emérito, ao que Delambre acrescenta que a guerra já acabou. Fazem-se, então, os preparativos para a grande excursão que terá lugar às primeiras horas da segunda-feira. E até Martin muda de idéia e decide participar da expedição. O exercício — diz ele — lhe fará bem, e, além disso, quer estar junto de Carla. E, à manhã do dia marcado, aquele grupo de seis pessoas inicia a escalada à montanha que já desafiara tantos heróis anônimos... Na alma de cada um, avulta um motivo para galgar a «Torre Branca». Carla — como sabemos — quer fazê-lo, sentindo em si o enorme desejo que seu pai sempre teve; Radcliffe ambiciona com isso superar o seu complexo de fracassado na carreira que abraçou; para Delambre, é a prova que tem a dar, a si próprio e à sua esposa, de que é ainda um homem que sabe seguir um ideal, não deixando ao meio do caminho o ímpeto de uma iniciativa; para Andreas é, mais ou menos, uma maneira de desanuviar a sua consciência, pois pensa ter sido o causador indireto da morte do pai de Carla, ao deixá-lo galgar sozinho aquelas alturas misteriosas e eternamente coroadas de branco... Hein quer

provar a teoria da sua superioridade... E Martin — assim o diz — vai apenas pelo passeio. O primeiro dia da caminhada, se é árduo, não dá para esmorecer as esperanças que animam aquele bando de viajantes da neve... Passam por florestas e campos cultivados, onde sorri a natureza fria daquela região européia. E passam, também, pelo declive que conduz à geleira da «Torre Branca». Dormem a primeira noite na cabana de Dormel, na ponta do neveiro. Martin, que dissera ficar apenas um dia com os alpinistas, decide continuar junto a eles, Radcliffe começa a sentir-se cansado, e quase morre ao dar um salto numa fenda de gelo, porém, salvo por Hein. Na segunda noite, eles acampam numa clareira vazia e desolada. No dia seguinte, deixam uma tenda armada, e seguem caminho. Mas Radcliffe é obrigado a interromper a jornada, após uma nova queda quase fatal. Andreas o acompanha até à tenda, onde Radcliffe esperará a volta dos outros. Enquanto isso, Hein insiste em seguir sem Andreas, e Delambre concorda, indo com ele. Martin e Carla, pela primeira vez, desde o seu recente conhecimento, são deixados a sós. E ele aproveita o ensejo para, declarando a ela a sua simpatia, confirmar que continuará a ajudá-la na sua atual e arriscada missão, afim de ganhar a sua estima, que pressente esquivada e difícil. Ela, porém, lhe confessa, sem reboços, que isso não o fará mais merecedor aos seus olhos, pois que o julga apenas um comodista e um insensível sob o ponto de vista social, alheando-se de um mundo que lhe pertence e que reclama a sua vigorosidade juvenil, numa hora que todos sabem ser das mais decisivas para os destinos da humanidade, caso sejam verdadeiros, como ele

o pretende, os prognósticos de uma nova conflagração internacional. Ela tomara parte no movimento de Resistência, lutara contra a opressão e as forças do mal que se abateram sobre o sólo da velha e eterna Europa e, se fôr preciso, tornará a ingressar nas hostes dos que têm a necessária coragem para enfrentar os inimigos da democracia, onde quer que estejam... Entretanto, sabe utilizar os seus ócios e dar expansão ao seu idealismo cumprindo, agora, embora com possíveis sacrifícios, o que seu pai não pudera cumprir: aquela escalada a que se dirigem!...

À volta de Andreas, prossegue a jornada do grupo. O vento fustiga impiedosamente o rosto daquela mulher formosa e pura, e dos seus quatro companheiros de aventura; o terreno como que se lhes escapa sob os pés atrevidos... Mas eles não recuam, não cedem e caminham invictos! A noite é sombria e triste — e só as tochas põem reflexos de fogo sobre a lividez do sólo íngreme em que, às vezes, ressoam os seus passos... Afinal, ei-los que atingem o cume onde já os esperam Hein e Delambre. Este está exausto, no fim de suas forças, dada a rapidez com que o outro consegue escalar a montanha e o faz acompanhá-lo. Hein, às ocultas dos demais, ministrará-lhe um pouco de vinho, o que o levará à completa embriaguês, estado esse em que ainda se achará pela manhã seguinte e que o impossibilitará de seguir com o grupo na próxima etapa. E, por sua própria vontade, ele permanece em seu acampamento improvisado para a noite que se fôra. Desse modo, já agora somente três pessoas levam avante o perigoso intento de devassar mais de perto a «Torre

(Cont. na pag. 24)





Burt Lancaster, num intervalo de filmagem da grande produção de Norma Production F.R., para distribuição da Warner Bros., «O Gavião e a Flecha» (The Flame and the Arrow), aproveita para dar um brilho especial nos sapatos do cameraman Erine Haller.

★

Bárbara Payton, a companheira de James Cagney em «O Amanhã que não Virá» (Kiss Tomorrow Goodbye) película da Cagney Productions, para distribuição da Warner Bros., faz um trabalho de agulhas enquanto aguarda a sua vez de trabalhar.

Flashes

Ruth Roman e Randolph Scott que repartem as honras do estrelato na película em ténicolor da Warner Bros., «Calibre 45» (Colt 45) conversam sobre um pequeno acidente sofrido pela jovem estrêla no seu delicado dedinho; num intervalo de filmagens.

★

«O Amanhã que não Virá» (Kiss Tomorrow Goodbye) parece ser mesmo um «negócio de família», pois os Cagneys estão reunidos no «set» da referida produção. Da esquerda para à direita: Produtor William Cagney, James Cagney, a irmã Jeanne Cagney e o irmão Dr. Edward Cagney.



DOIS LANÇAMENTOS SENSACIONAIS NA SEMANA A COMEÇAR EM 13 DE NOVEMBRO

J. ARTHUR RANK apresenta

Ann TODD • Norman WOOLAND
Juan DESNY em

"O GRITO da CARNE"

("MADELEINE")

Produzida por STANLEY HAYNES • Dirigida por DAVID LEAN
Uma produção DAVID LEAN • Distribuída pela UNIVERSAL-INTERNATIONAL



DRAMA
PUNGENTE
QUE FOI
VIVIDO HÁ UM
SÉCULO!



UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta

BUD
ABBOTT e LOU
COSTELLO



LEGIAO ESTRANGEIRA"

("BUD ABBOTT and LOUCOSTELLO in the FOREIGN LEGION")

com PATRICIA MEDINA

Direção de CHARLES LAMONT • Produção de ROBERT ARTHUR • Acomp. Complementos Nacionais

SILÊNCIO, DE NOVO...

JOSE SOUTO

Súbito, a voz se cala. E' o vácuo, o vazio, o não-ser. A voz rouquenha, surgida da bocarra negra, na cara toda pintada de negro, torna-se negra, também. Vai se extinguindo. Morre. E' o silêncio, de novo.

E a gente sente a necessidade de correr ao encontro do desastre, esparramar-se em lamúrias, dizer consolos a viuva, afagar os filhos ficados, amassar mansamente algumas violetas, dessas muitas que estarão, agora, cobrindo a tua nova casa, deixadas por mãos parentes... (It's raining violets all the time, berravas com tanta convicção...) Sente-se a necessidade de algumas lágrimas de comoção, de agradecimento pelo muito que puseste, de melodias e de ritmos, em muitas das nossas horas, desde 1930, para cá. Pelo enorme significado do teu primeiro berro, naquela época. O susto e o progresso, partidos d'ele. Foste o precursor. Porque daquele momento, em diante, o cinema ganhou voz. Começou a falar. E mudou tudo, então. Apareceram bailados, pernas, vidrilhos, plumas, pernas, cortinas, cenários deslumbrantes, pernas e música — muita música... E as vozes foram falando, uma a uma. Dizendo coisas, embalando melodias. Jurando belezas. Garbo, mística e indecifrável, exclamava: **I want to be alone.** (Mas nunca ficava). Charles Boyer, com seu sotaque de alcova, veio pôr desfalecimento no coração de todas as balzaquianas frustadas, e Sinatra, estridentes histerismos nos inquietos brótos Copacabânicos. Através de vozes, as mais dispareas, vieram imortalidades Shakespéreas, vieram poemas, juras, ameaças e soluços. Gloriosos, alguns, mendigos outros. Chaplin acusou aos ditadores. Joana D'Arc reafirmou sua fé mesmo diante da fogueira crepitante, Cesar conquistou cidades, Sadie Thompson amaldiçoou aos homens, freiras desfiaram mansos rosários, corações apaixonados perseguiram, películas a fio, os galãs indômitos, gloriosos clarins clarinaram clarinadas de glórias. E não só vozes como estamos vendo. Sons, também. Dos mais vários. Desde o metralhar nervoso dos tacões das bailarinas nos assoalhos brilhantes até o metralhar de verdade, nos campos de Flandres. O rugido dos aviões cortando os céus e o rugido rouquenho dos gangsters, cobrando a coleta. O choro inocente das crianças abandonadas, sem mães, e o choro cínico das vigaristas abandonadas sem «papais»...

E, de tudo isto, aquele teu primeiro grito foi o precursor. Foste o bandeirante. Por isso impõe-se, nesta hora agoniada do desenlace, um fúnebre cantar, em que se levantasse todas essas questões, carpindo-as honradamente. Ei ninguém estaria melhor indicado, se não o provinciano, o bobo triste que há vinte anos atrás entrou num cinema do interior, levou um grande susto diante da caratona negra que cantava, numa época em que as sombras eram silenciosas e mudas. Acontece, no entanto, que nestes vinte anos, enquanto tú continuaste cantando, triunfante pelos palcos e pelo mundo, muita coisa estranha e confusa ia acontecendo nesse mesmo mundo, tornando-o caótico e inabitável. Tantas coisas aconteceram que a morte — a própria morte — a tua, como as outras — perdeu muito de seu sentido.

«Chegou um tempo em que não adianta nem mais morrer», definiu Carlos Drummond, um cantor de ritmos bem diversos dos teus e que, possivelmente, não terás conhecido. E, não adianta mesmo porque está a humanidade desenfreada num egoísmo feroz e lancinante. «Trabalhas para um mundo caduco, em que a alegria de viver perdeu seu menor encanto» — «chegou um tempo em que não adianta nem mais morrer». Amargo ter de vir dizer isto à beira de teu túmulo, com fundo musical e tudo. Mas o dever profissional me obriga a uma página honesta, vasada de realidade. Seria inútil, se aqui aportasse com lamúrias hoje sem nenhum sentido, num discurso choramingas e borocochô, quando os homens estão preocupados com o desembarque das Cadillacs e coisas ainda mais perigosas. Homens que, como tú, surgiram em 30, estão ainda hoje com uma força e um vigor assustadores. E, no entanto, tú desertas. Mas restam-te alguns consolos. Cantaste a vida toda, até não poder mais e morto mesmo, continuarás cantando... (O milagre, que inauguraste contigo, contigo não morre. E' uma das muitas vinganças da máquina contra o homem). E morreste moderno, em plena forma, com shows no front da Coréia, letreiros luminosos anunciando a segunda parte da história de tua vida, pelo cinema, hotéis de luxo na Califórnia, amigos, conforto, loiro, whisky... Que mais se pode desejar, morto-rico, morto-vitorioso, morto-triunfante?...

Nada tenho contra ti — nunca é demais salientar. Como Verdoux, o meu conflito é com os outros homens, os que ficam, e tornam nossa luta cada hora mais insustentável. Fernando Sabino declara que vai descer sobre nós uma onda de chatice invencível. Acho que ele está um pouco atrasado. Já desceu. E neste ôco, nesta «esterilidade do pensamento», nesta hora de falta de conteúdo humano, a notícia de tua morte cai mole e frouxa, recebida com quase o mesmo tédio da notícia do casamento de Errol Flynn, que se deu de terno azul, gravata e sapatos da mesma cor, com cravo na lapela, o que é profundamente importante, principalmente para os que não tem terno azul, gravata e sapatos da mesma cor, com cravo na lapela.

Por tudo isto, cumprido tibiamente o nosso dever, com alguma ternura e muito de respeito, espargimos sobre o teu tranquilo mausoléu as últimas violetas sobradas da crise universal, dizendo-te, suavemente, comovidamente: adeus.

Dorme, morto-rico, morto-vitorioso, morto-triunfante, enquanto a juventude coca-cola agora é que toma conhecimento de tua existência e se vingará de tua partida fazendo-te berrear, por qualquer mil e quinhentos, nas eletrolas dos bares das praias...

NEVE E SANGUE

(Cont. da pág. 21)

Branca». Passo a passo, a escalada é mais arriscada e áspera... E, só em sua tenda, Delambre resolve escrever um ensaio sobre a vida — essa coisa que é tudo e, às vezes, é quase nada... Ao terminar, num assomo de audácia, abandona o seu refúgio e enfrenta a terrível tempestade de neve que ronda aquelas paragens. O vento, ululante, carrega as páginas escritas por ele, soltando-as ao acaso, pelos invios se tortuosos caminhos dos Alpes. Súbito, uma avalanche de pedras cai sobre Delambre, roubando-lhe a vida. Ao serenar aquela borrasca de neve, o fiel Andreas retorna à procura de Delambre. Antes disso, contudo, Hein, sempre ansioso em demonstrar a sua superioridade física sobre os outros, adianta-se ao grupo, afim de atingir sozinho o cume tão almejado. Não encontrando, Martin vai procurá-lo. Ele não mais pensa em ganhar o coração de Carla unicamente por galgar o pico da «Torre Branca». O pico é um símbolo: encerra o heroísmo frustrado do pai de Carla, e esta não entregará o coração senão a quem signifique para ela mais do que isso... Para Martin, a «Torre Branca» é, já agora, um desafio na batalha entre ele e Hein. Martin compreende que Hein se utilizou deles todos, para escalar sozinho a inatingível montanha. O rapaz quer vencer Hein, por odiar a sua arrogância e as suas teorias de superioridade. Martin o encontra vencido à beira de um abismo, não podendo mais avançar, por não ter quase onde pisar. Neste ponto, a altura é inconcebível. Hein faz pouco do conselho de Martin, no sentido de agarrar-se à corda que ele, Martin, traz. Hein aventura-se a passar pela beira do precipício e, pouco a pouco, vai perdendo a firmeza. Vendo-se perdido, Hein grita pedindo a corda. Martin não pode jogá-la, mas arrisca-se a passar pelo abismo para auxiliá-lo. Num último esforço de orgulho, procurando rejeitar o auxílio do outro, Hein tenta manter o equilíbrio sozinho. A saliência de neve não é bastante forte, porém, para sustentá-lo, e Hein precipita-se no espaço. Com a maior parte de neve desaparecida, Martin consegue firmar-se solidamente nas pedras. E vai assim, escalando a «Torre Branca». Num dado momento, quase chega a cair, porém consegue suster-se. E afinal chega ao cume da «Torre Branca», embora não sinta nenhum orgulho do seu feito. Momentaneamente cego pela neve, ele rola até o pico. Carla e Andreas encontram-no, a muitos metros além do cume. Martin diz a Carla não ter conseguido alcançar o pico... Ela e Andreas verificam que ele está ferido, e, esquecendo-se completamente da montanha, Carla não pensa senão em medicar Martin. Ajudam o rapar a andar até Kanderstatt. Martin volta a si, e Carla compreende que, agora, o seu coração está ocupado pelo verdadeiro amor. Martin soubera conquistá-la, uma vez que se tornara um homem bem humano...

ROSENDA

(Cont. da pág. 15)

senda não poderia ficar em sua casa, sendo ele solteiro. A vizinhança, por certo, iria injuriá-lo. D. Ponciano recorre então às suas amizades, conseguindo deixar Rosenda aos cuidados de uma velhinha, sua amiga, até o dia das bodas com Salustio.

Entrementes, Salustio, ao saber que Rosenda estava na cidade disposta a casar-se, acovardou-se e foi procurar nas garrafas do bar a coragem que lhe estava faltando para enfrentar a responsabilidade. Já ébrio e ainda sem coragem, Salustio se desespera e foge em busca de um meio fácil de arranjar dinheiro.

D. Ponciano sente-se responsável pela situação de Rosenda e lhe manda fazendas e outros petrechos necessários ao vestuário. Isto dá lugar aos falatórios e aos maus juízos da gente daquele lugar. D. Ponciano aconselha Rosenda que volte para junto de seus pais, mas Rosenda, conhecendo o temperamento de seu velho pai, sabia que ele jámais a aceitaria e se negou a fazê-lo. D. Ponciano não tem outra saída a não ser ouvir os comentários e arcar com as despesas de manutenção de Rosenda. Pacientemente vai instruindo Rosenda cuja ingenuidade era de pasmar... ensina-a, também, a lêr e a escrever.

Em uma de suas visitas, D. Ponciano, deixando levar-se pela indiscreção, fica deslumbrado diante de tanta beleza e sente despertar os seus desejos de homem, até que em outra visita conquista-a para si com o seu

(Cont. na pág. 30)

Coluna do fan

Cinema brasileiro

Como todos vemos a olhos claros o cinema nacional já passou dos dramalhões baratos do rádio e das folias carnavalescas, melhorando dia a dia. Possuímos agora o melhor estúdio latino-americano, o da empresa paulista VERACRUZ sob a direção do eminente patricio Alberto Cavalcanti, equiparado aos melhores do globo, tanto é que conseguiu a distribuição de suas películas pelo mundo inteiro, o que é motivo de orgulho para todo brasileiro patriota. Está pronto para ser exibido o primeiro desenho animado realizado no Brasil e na América Latina, o esperado «SINFONIA AMAZÔNICA», da Lattini Stúdio sob as ordens do hábil desenhista Anélio Lattini Filho.

O nosso documentário «SERTÃO», dirigido e produzido por Genil Vasconcelos foi premiado na Europa; festivais europeus reclamam Cavalcanti e suas fitas; jornais e revistas do mundo já publicam artigos sobre o nosso cinema, como por exemplo «L'Ecran Français» de Paris, que com um retrato de José Guerreiro, o brilhante ator do nosso teatro e cinema, que trabalhou no Teatrinho do Bólso, em Ipanema, publicou um artigo sobre o filme brasileiro «A BELEZA DO DIAÑO»; na Argentina Dinah Mezzono, rainha do Cinema Brasileiro e a Associação Brasileira de Críticos foram homenageados pelo Clube de Caçadoras de Autógrafos de Buenos Aires, que lhes ofertou os diplomas da Instituição, o que só fazem em casos excepcionais, pois até agora somente à Dinah, à Associação Brasileira de Críticos e a mais 4 artistas foram outorgados tais diplomas; na VERACRUZ será rodado o primeiro filme colorido brasileiro e latino-americano «O IRMÃO DAS ALMAS»; no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais fundaram-se novos estúdios cinematográficos, como o HORIZONTE de Pôrto Alegre; filmes brasileiros são projetados em telas de outros países sul-americanos, como por exemplo «POEIRAS DE ESTRELAS» que eu tive oportunidade de assistir em Montevidéu, no Uruguai em 1949, sendo bem recebido pela crítica; e a Art-Films, empresa internacional já distribui filmes indígenas, como SERTÃO e KATUCHA.

Bons filmes nacionais tem sido exibidos este ano, sendo os mais elogiados pela crítica especializada e pelo público os seguintes: «CAMINHOS DO SUL», do grande Fernando de Barros, apresentando Maria Della Costa em toda sua formosura e arte com esplêndida fotografia dos pampas gaúchos; o ótimo «QUANDO A NOITE ACABA», também do mesmo Fernando de Barros, com uma maravilhosa interpretação da notável Tônia Carrero; «SERTÃO», o festejado documentário filmado entre os índios do Brasil Central; «CARAÇA», um filme mineiro que gira em torno do famoso seminário do mesmo nome; «A ECHARPE

DE SEDA» filme razoável com bons desempenhos por parte de Alexandre Carlos e Ilka Soares, sendo o primeiro filme policial brasileiro; «A SOMBRA DA OUTRA», película de Watson Macedo, com apreciável fotografia e um grande desempenho de Anselmo Duarte; «CARNIVAL NO FOGO», bom musical, apesar de carnavalesco, com um dos melhores comédicos da América, o formidável Oscarito; «O DOMINÓ NEGRO», outro policial bem melhor do que «A Echarpe de Seda», com um convincente desempenho por parte de Paulo Pôrto, um Cilton Carneiro muito melhor do que em «Katucha» e uma Elvira Pagã razoável, neste filme bem que poderiam ser suprimidas as cenas passadas na estação de rádio; «O PECADO DE NINA», que alguns críticos não receberam muito bem, sendo no entanto um bom filme e grande sucesso de bilheteria no Rio, visto que permaneceu um mês em cartaz no cinema Império, com bons trabalhos da graciosa e natural Fada Santoro e de Renato Restier; «ESCRAVA ISAURA» com a mesma equipe de «Pecado de Nina»; «TAMBÉM SOMOS IRMÃOS» um drama racial; sendo esperados outros filmes de categoria como CASCALHO, VENTO NORTE, AGLAIA e muitos outros, que montam às dezenas.

O filme «ESTRELA DA MANHÃ», com boas cenas, principalmente a do suicídio de Tiú, mas com um péssimo som, escassez de diálogos e enorme preocupação em fotografar as belas paisagens dos locais onde se desenvolve a fita, resultou em discutidas polêmicas entre Jonaid, o realizador e os críticos, principalmente os cariocas, porque os paulistas exagerando viram coisas que o filme não possui.

Também nossas telas foram inundadas por grandes «abacaxis» nacionais, mas qual é a indústria cinematográfica que não os tem? Tomemos como exemplos os filmes mexicanos de Maria Antonieta Pons e os «metro-musicais» americanos. Entre essas horríveis realizações indígenas encontram-se os infames: «SOMOS DOIS»; «O NOIVO DE MINHA MULHER»; «IRACEMA»; «NÃO É NADA DISSO»; «TODOS POR UM»; «KATUCHA», o melhorzinho destes; «ALMAS ADVERSAS» e mais umas quantas calamidades. Uma realização agradável foi a argentino-brasileira «NÃO ME DIGAS ADEUS».

No entanto, o que me decepciona profundamente é que quase nada se publica aqui no Brasil sobre os filmes da terra, não há a devida publicidade e o interesse para com nossas fitas e nossos astros, e um filme quando exibido, vem precedido de uma enorme falta de publicidade, o que está erradíssimo e nos entristece.

Agora que o nosso cinema está se tornando internacional e prestes a ser o de melhor nível técnico e talvez artístico

(Cont. na pág. 34)

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE!...

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a cor natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua cor natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6
São Paulo

Remessas pelo Reembolso

A venda nas boas Farmácias



ALBUM DE "A CENA"

★

Está á venda em todos os pontos de jornais

PREÇO: Cr\$ 25,00

Pedidos pelo Reembólso Postal, mediante vale do Correio à Cia. Editora Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES NOVA TABELA

| TIPOS DE PERFUMES | Essên- | Extra- | Lo- |
|---------------------------------|------------------------|-----------------------|-------------------|
| | cias 10 gr. Cr\$ | tos 50 gr. Cr\$ | ções ¼ Cr\$ |
| Crepe A, Super | 12,00 | 22,00 | 30,00 |
| Madeiras A. Su- per | 12,00 | 22,00 | 30,00 |
| Rosa Nat., Sup. | 13,00 | 22,00 | 30,00 |
| Jasmin Super .. | 10,00 | 22,00 | 30,00 |
| Violeta B, Sup. | 13,00 | 22,00 | 30,00 |
| Q. Fleurs, Sup | 15,00 | 25,00 | 35,00 |
| F. Amor, Super | 15,00 | 25,00 | 35,00 |
| Mitzko, Super .. | 18,00 | 25,00 | 35,00 |
| Arp. S. Super .. | 20,00 | 35,00 | 40,00 |
| Tabac B. Super | 21,00 | 35,00 | 40,00 |
| Tabul, Super .. | 25,00 | 35,00 | 40,00 |
| Chan. 5, Super | 25,00 | 35,00 | 40,00 |
| Nult N. Super | 25,00 | 35,00 | 40,00 |
| Cuir R. Super | 25,00 | 35,00 | 40,00 |
| Narcise N. Sup. | 25,00 | 35,00 | 40,00 |
| Pretx. Super .. | 35,00 | 45,00 | 55,00 |
| Rumores, Super | 35,00 | 45,00 | 55,00 |
| Escândalo, Sup. | 35,00 | 45,00 | 55,00 |
| Tabul GR, Sup | 35,00 | | |
| Flor Maçã LF* | 50,00 | 70,00 | 90,00 |
| Soupplesse LF | 50,00 | 70,00 | 90,00 |
| Biarritz LF ... | 50,00 | 70,00 | 90,00 |
| Monte Carlo LF | 50,00 | 70,00 | 90,00 |
| Arabesque LF | 60,00 | 80,00 | 100,00 |
| Heno del Cam- po LF | 60,00 | 80,00 | 100,00 |
| Casino LF | 60,00 | 80,00 | 100,00 |
| Violette Feuil- les LF | 85,00 | 105,00 | 125,00 |
| La Rose Rou- geatre LF ... | 85,00 | 105,00 | 125,00 |
| Champagne LF | 60,00 | 80,00 | 100,00 |
| Des. Reembolso | 9,00 | 9,00 | 9,00 |

Não aceitamos pedidos menores de
Cr\$ 100,00. Os perfumes marcados
LF são legítimos franceses

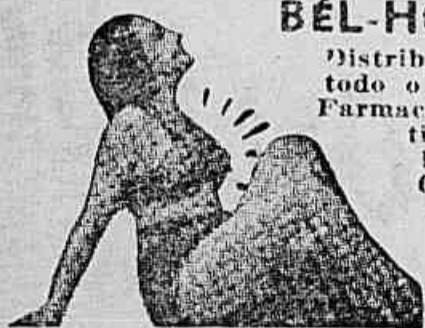
VENDAS PELO REEMBOLSO
POSTAL

FEIRA DAS ESSENCIAS

Av. Marechal Floriano, 67
Sobrado
RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-lo nas farmácias ou drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº

NOME

RUA Nº

CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 50,00

MELODIAS

A PEDIDOS

APRIL SHOWERS

De Louis Silvers e B.G. DeSylva
Gravação de Al Jolson em disco Decca.

Though April showers
May come your way,
They bring the flowers
That bloom in May
So if it's raining
Have no regrets
Because it isn't raining
Rain you know
It's raining violets
And where you see clouds
Upon the hills
You'll soon will see crowds
of daffodils
So keep on looking
for a blue bird
And listening
for his songs
Whenever April showers
Come along.

N.R.:—Semanalmente publicaremos neste quadro a letra mais solicitada pelos leitores. Se você deseja ver aqui a sua melodia preferida, escreva para «Melodias para Você», Redação de A CENA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Música Americana

LA VIE EN ROSE

De Mack David e Louis Guy

Hold me close and hold me fast,
The magic spell you cast, this
[is la vien en rose.
When you kiss me Heavens
[sighs,
And tho' I close my eyes I see
[la vien en rose.
When you press me to your
[heart
I'm in a world apart, a world
[where roses bloom;
And when you speak angels
[peak from above;
E'vry day words seem to turn
[into

love songs.

Give your heart and soul to me
And life always be la vie en
[rose.

CAN ANYONE EXPLAIN

Bennie Benjamin e George
Weiss

Gravação de Ella Fitzgerald e
Louis Armstrong

Can anyone explain the thrill of
[a kiss?
No! No! No!
Buth when two eager lips are
[pressed against yours,
You'll know, yes, you'll know.
Can anyone explain the glow of
[romance?
No! No! No!



GREGÓRIO BARRIOS
Fará uma temporada na
Globo.



CARMEIA ALVES
Excursionando pelo norte.



ORLANDO SILVA
Já gravou para o Carnaval

But when you hear the phrase
«it's you I adore»,
You'll know, Yes, you'll know.
And you will fight to give love
[a start
Don't think with your mind,
[just feel with your heart!
Can anyone explain the wonder
[of love?

No! No! No!
But now that you and I are
[sharing a sigh
We know, yes, we know!

★

Música Brasileira

«MORENA DE COPACABANA»

Marcha

Letra e Música de Claribalte
Passos
Gravado em disco «Capitol» pe-
las Irmãs Meireles.

I

Morena de Copacabana
Rainha do arranhacéu (BIS)
Vestida num «maillot» bacana
De um azul lindo da côr do céu.

II

Tens uns lábios tentadores
Que inspiram mil amores
Morena, carioca infernal
Vem reinar neste meu Carnaval.

«MINHA LINDA LUSITANA»

Marcha

De Claribalte Passos e Jorge
Murad
Gravada em disco «Capitol»
pelas Irmãs Meireles.

Minha linda lusitana
Vem amor para o meu Carnaval
(BIS)

Cantar a marcha e o samba
E o fado sentimental

II

Com o pandeiro imitando a
[baiana
Que no Brasil é a tal
E o «corridinho» bacana
Traz saudades lá de Portugal.

PARA VOCE

Música Latino-Americana

VIVIR ES AMAR

De Adolfo Ventas e José Latorre

Vivir es amar, lo demás es
[mentira,
La voz del corazón te dice que
[vivas,
Que vivas
Vivir es amar, lo demás es
[mentira
Hoy es nuestra ocasión
Y la ocasión, talvez no se repita
Hoy es todo posible de la
[casualidad
Que el viver y el amor nos es
[tan permitidos
El mañana no existe sólo hay
[una verdad
Que vivir es amar con los cinco
[sentidos.

AMOR MIO

De José Casamor

Amor mio
No comprendo
Como has podido estar
Tanto tiempo
Sin siquiera besarme
Cielo Santo
Que sucede
Dime con franqueza
Si es que ya tu
No me quieres
Tu me has querido
Yo a ti te quiero
Con un amor lleno de amor
Puro y sincero
Si tu me olvidas
Vivir no quiero
Vida de mi vida
Quiereme
Porque si no me muero...

MÚSICA DE FILMES

FILHO DE PEIXE... O filho do grande compositor Fred Fisher, autor de autênticos «hits» como «Peg o' My Heart», «Dardanella», «Chicago», etc., agora também está compondo. Mervyn Fisher tem como colaborador Joe MacCarthy Jr., filho do parceiro de seu pai. A primeira música dos promissores chama-se «Cloudy Morning» e foi posta em acetato por Fran Warren.

★

JÁ NO NOSSO MERCADO. A MGM, como a maioria das outras companhias, costuma gravar as músicas de seus filmes. O mesmo aconteceu com «Romance Carioca» e as músicas deste filme foram reunidas em levíssimo «long palying», dentre as quais encontra-se uma versão de «Carrinhos». Orlando Silva, que gravou a música aqui no Brasil, disse-me que prefere a gravação das Andrews Sisters, achando a de Jane Powell muito fraca. Concorde.

★

ENCONTROS DANÇANTES. — A Columbia iniciou uma série de gravações com o nome de «Dance Date», que, como o nome está dizendo, músicas especialmente para dançar. Cada face contém quatro músicas, ininterruptas. Nos «Encontros Dançantes» de Les Brown salientam-se «Cabin in the Sky», «Easy to Love», «S'Wonderful», entre outras. Também Xaxier Cugat, Hal McIntyre & Tony Pastor já tem «Encontros Dançantes» marcados com você.

★

VAN JOHNSON (MGM 10727): Duas interessantes músicas do filme «Duchess of Idaho», estrelado por Van Johnson e Esther Williams. «Let's Choo Choo Choo to Idaho» e «You can't Do Wrong Doin' Right» são as tais músicas. Embora sejam melodias tipicamente de cinema, agradam bastante.

★

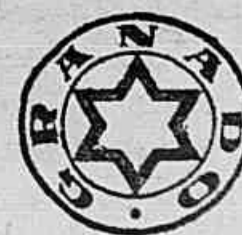
MÚSICA DANÇANTE. — Nos Estados Unidos no momento existe uma verdadeira guerra a fim de fazer com que a música dançante volte ao cartaz. Assim, músicos de grande popularidade junto ao público organizam «tours» através de todos os Estados da União e estão pondo tudo quanto podem em acetato. Alguns albuns: «Tex Beneke plays Carmichael», «Tommy Dorsey plays Cole Porter», «Ralph Flanagan plays Rodgers & Hammerstein II». A lista é grande e o espaço pouco. No entanto, depois, darei novos títulos.

A.R.

O Remédio de Confiança das Senhoras



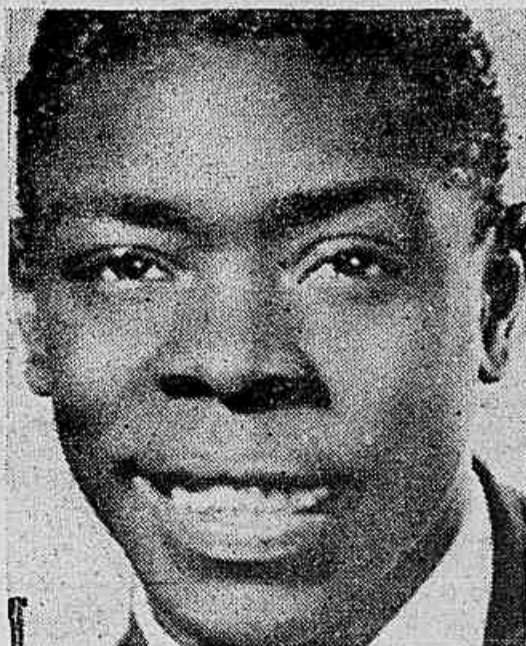
GINOSEDOL



JOÃO FREY



ISAURINHA GARCIA
Aderiu ao baião



BLACK-OUT
Precisa legenda?



HELENINHA COSTA
Ótima voz.

Rádio

ARMANDO MIGUEIS

MINHA OPINIÃO

EXEMPLO A IMITAR

Os latino-americanos, neste após-guerra, moldaram-se aos costumes de Uncle Sam, deles tirando partido para grande parte de seus empreendimentos. Se as atividades culturais desenvolvem-se à sombra da moderníssima técnica americana, idêntico fato observa-se na evolução do «broadcasting» através do encorajamento dos «rádio-men» ianques para a apresentação de grandes programas. Extinguiram-se, como por milagre, audições nada recomendáveis e surgiram realizações que o público aceitou logo de início, uma vez que sentiu o valor das mesmas. Os próprios programas de auditório, dado o alcance no seio das massas, saíram dos prêmios modestos para a oferta de polpidos e vantajosos brindes, nunca compensação aos que enfrentam o aborrecido de uma fila para candidatarem-se a algo de apreciável, em matéria de prêmios.

O avanço do Rádio brasileiro, por estranho que pareça, copiou unicamente determinados setores do «broadcasting» ianque. A parte que deveria ser mais cuidada e favorecida continuou na mesma. Quase nada foi feito em benefício das crianças que ouvem rádio e que por sinal são em número bastante significativo. Limitam-se as emissoras, quando o fazem, a radiofonizar as histórias em quadrinhos, com seus «Superhomem», «Capitão Marwell» e tantos outros heróis dessa espécie. Tais «broadcasts» em nada úteis ao espírito infantil, poderiam ser facilmente substituídos por outros que, segundo nos revela «A Voz dos Estados Unidos», ganham em competição essas modernas e prejudiciais aventuras de quadrinhos. Bastará que sejam utilizadas as histórias que acalentaram nossos sonhos infantis como «O pequeno polegar», «O gato de botas», «Sindbad, o Marujo» e tantas outras.

Se o rádio norte-americano, em determinadas questões, serve de exemplo, por que não o seguir quanto à radiofonização de alguns contos tomados às literaturas infantis de todos os países? Esqueçam-se os mentores da radiofonia indígena da existência de Flash Gordon e outros aventureiros, e dêem às crianças brasileiras histórias que não corrompam, nem prejudiquem a mentalidade infantil.

Al Neto, conhecido observador das atividades radiofônicas da terra de Uncle Sam, mostra-se em dia com a televisão. Daí, a oportunidade do comentário que transcrevemos abaixo:

Na área de Nova York, a venda de receptores de televisão continua aumentando. Em realidade, o número de receptores atualmente em uso nesta área é, neste momento, de 1.365.000. Há um ano atrás, ou seja, em setembro de 1949, o número de receptores em uso na área de Nova York era de 650.000. Estes algarismos são de um relatório que acabo de receber da National Broadcasting Company, e que deverá ser publicado em Nova York dentro de poucos dias.

Por outra parte, entretanto, a produção de receptores de televisão diminuiu um pouco nos últimos meses. Note-se que esta diminuição ainda não pode ser atribuída à guerra na Coreia.

E' inevitável que a produção seja diminuída nos próximos meses, uma vez que os materiais necessários para a fabricação de um receptor de televisão são também materiais de valor estratégico. Em virtude das ordens do Presidente Truman, as forças militares têm agora preferência sobre o consumidor civil. Haverá menor quantidade de receptores para a população e maior número de aparelhos de alta precisão para as forças armadas.

Voltando ao que disse antes, ouseja, a diminuição no número de receptores fabricados durante os últimos meses eis os algarismos: em maio foram fabricados 379.227 receptores, ou seja, uma média de 94.057 por semana; em abril, foram fabricados 420.000 receptores. Isto representa uma diminuição de dez por cento entre a média semanal de maio e abril. Nos meses de junho e julho, a mesma proporção decrescente foi observada. Estes algarismos são da Associação dos Fabricantes de Rádio dos Estados Unidos.

SETE NOTÍCIAS

O vereador Raimundo Magalhães Júnior, enquanto não chega a hora dos debates parlamentares, emprega seus minutos entre o rádio, o jornal e o teatro. Tanto que acaba de assinar contrato com a Tupi, a fim de produzir para o microfone PRG-3, onde, aliás, já colaborou, quando da apresentação de «Ana Maria». Com essa mudança de prefixo, a Nacional perde um dos seus bons colaboradores. ★ Manoel Barcelos, contrariando seus hábitos, tornou-se protagonista de um caso de agressão. O fato mereceu imediata repulsa da imprensa carioca, que condenou a atitude do candidato possedista à vereança municipal, atribuindo-o ao fracasso de sua votação. Como desconhecemos o motivo, limitamo-nos a divulgar o caso. ★ O vereador Valdomiro Lôbo, figura popularíssima nos arraiais radiofônicos de Minas Gerais, levou a melhor num processo em que se viu envolvido. Diante do triunfo alcançado no judiciário montanhês, o radialista falou à imprensa daquele Estado e fez-se ouvir da tribuna do legislativo local, a fim de melhor esclarecer a questão. ★ A supremacia da novela sobre os demais gêneros de programas é fato indiscutível, o que

leva seus produtores ao preparo de novas histórias em capítulos. Raimundo Lopes, por exemplo, lançou ao microfone da Rádio Globo, mais um drama seriado, a que intitulou de «Sonata», cabendo a Daisy Lucide o principal papel. ★ Fora do páreo eleitoral, apesar de muito ter trabalhado pela conquista de uma cadeira no legislativo municipal, Paulo Gracindo assinou contrato com a Rádio Nacional, de cujo elenco estava afastado desde a saída do sr. Gilberto de Andrade. O retorno do ex-animador de «Sequência G-3» ao «cast» da PRE-8, é sobremaneira auspicioso, dado o valor artístico de Gracindo. ★ Ramos de Carvalho, ora em visita à sua terra natal, pretende fixar-se definitivamente no Brasil, não mais retornando ao microfone da B.B.C. E' que o sóbrio comentarista, ao que nos informou seu irmão, vai dedicar-se à vida industrial, explorando determinado ramo de negócio. ★ Isley de Castro nasceu em terras paranaenses. Cedo sentiu-se atraída pela música, enamorando-se do bolero, que passou a interpretar. Hoje, é uma interessante cantora desse gênero, tendo atuado nos «shows» de uma boite e ao microfone PRG-2. No momento, entabola negociações com a Rádio Globo, a fim de participar dos programas de estúdio.

DE QUINTA À QUARTA-FEIRA

NOVELAS

| TÍTULO — EMISSORA | DIAS — HORÁRIOS |
|--|---|
| O HOMEM QUE EU AMO Rádio Tupi | Terças, quintas e sábados, às 14.00 |
| SONATA Rádio Globo | Segundas, quartas e sextas, às 20.30 |
| A FAMÍLIA BRAGA Rádio Nacional | Todos os dias, a partir das 17.30 |
| O GRANDE ANATÓLIO Rádio Mayrink Veiga | Segundas, quartas e sextas, às 20.30 |

PROGRAMAS

| | |
|---|---|
| CONSELHOS E CONFI- DÊNCIAS Rádio Mauá | Todas as quintas-feiras, às 17.30 |
| MINUTOS BIOGRÁFICOS Rádio Roquete Pinto | As sextas-feiras, a partir das 20.45 |
| SERENATA ITALIANA Rádio Mayrink Veiga | Aos sábados, a partir das 21.00 |
| COMO É BOM RECORDAR Rádio Club do Brasil | Todos os domingos, às 19.00 |
| VELHOS TEMPOS Rádio Tamoio | As segundas-feiras, às 21.45 |
| NO MUNDO DO BAIÃO Rádio Nacional | Todas as terças-feiras, às 21.35 |
| AH! SE A VIDA FOSSE ASSIM Rádio Guanabara | As quartas-feiras, início às 21.05 |



DAYSI LUCIDI
Figura central de «Sonata»



PAULO GRACINDO
Retorno a PRE-3

ACONTECEU NA ARGENTINA

Alberto Conrado, nosso companheiro de redação, resolveu fazer a América. Porém, não seguiu o exemplo de tantos outros que também a fazem. Ele munuiu-se de material necessário à propaganda de nossa música em outras terras e, com a maior boa-vontade, deu início a seu trabalho. Estêve no Peru, realizando palestras e programas alusivos ao que é nosso. Depois, andou pelo Chile, onde não poupou esforços para trabalhar em favor das coisas brasileiras. Agora, segundo carta recebida, o enviado especial de A. CENA se encontra na capital argentina, dando duro ao microfone da Rádio Mundo, num programa diário. Como sempre, o assunto desse "broadcast" é música popular brasileira, artistas e demais coisas relacionados com a nossa terra.

★

AMERICANICES RADIOFÔNICAS

O veterano ator Jean Hersholt está se preparando para ingressar na televisão. Jean apresentará na TV o seu programa radiofônico intitulado "Dr. Christian", que consiste de histórias em torno de um velho e bondoso médico da roça.

★

"O Marido da Minha Mãe" é o título do novo programa de outro veterano, nada menos que o sorridente e narigudo Walliam Powell. O programa está sendo irradiado pela National Broadcasting Company, e já tem muitos patrocinadores ao seu encaixo.

★

E já que falei em detalhes da vida e ações de gente famosa, eis o que Ken Murray costuma dizer aos subordinados, que sempre concordam com o que ele diz:

— "Ao diabo com vocês, que não sabem mais do que dizer sim e sim a tudo o que eu sugiro ou ordeno. Assim vocês acabam por me convencer que eu sei tudo, que não preciso da opinião de ninguém. E nesse caso, eu os porei na rua, pois vocês são inúteis."

Fora da onda

UMA OBSERVAÇÃO DE ZARUR

Alziro Zarur, ao tempo que respondia pelo boletim da Rádio Nacional, fez a seguinte observação:

"Sinceramente, muito ainda teremos de aprender com as emissoras dos Estados Unidos. Que é que temos, no Brasil, comparável à "Rádio-Universidade" de Tio Sam? Tinhamos, apenas, a "Universidade do Ar" da Rádio Nacional, mas também era só. Vejam a falta que faz uma programação do gênero, lendo esta súmula atraente:

"As micro-ondas revolucionarão o mundo de amanhã? "Rádio-Universidade" noticia as descobertas de Albert Einstein, Harlow Shapley e outros eminentes pesquisadores; *Quais os mais recentes métodos educacionais praticados nas escolas norte-americanas?* Ouçam "Novos Métodos de Preparação da Juventude", explicados por James Marshall; *Quais as tendências hodiernas em literatura, música e arte?* "Literatura Americana do Século XX", por Henry Seidel Canby — "História do Jazz", por Colin McPhee — "Música, Imagem e Cor na Cinematografia", por Luis Gonzaga; *Existem novos alívios para o sofrimento?*



ALBERTO CONRADO
Propagandista do que é nosso

Ouçam a respeito "Anestesia por meio de refrigeração", "Pesquisas em estreptomocina para enfermidades virulentas e outros processos modernos, discutidos por eminentes peritos como Frank Adair, presidente da Sociedade Americana do Câncer; *Os novos produtos químicos facultam melhores colheitas, simplificando os métodos agrícolas?* "Experimentos Rurais Americanos" descreve novos projetos do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos."

Para finalizar:

"Os últimos avanços no campo da Ciência, Medicina, Educação, Assuntos Internacionais, Filosofia, Economia e Belas-Artes são ventilados em "Rádio-Universidade". Cada semana, um método ou progresso novo é apresentado em "Rádio-Universidade": numa semana será, por exemplo, a história de como a energia hidrelétrica e a produção em linha de montagem melhoraram as condições de vida de regiões antes retrógradas; noutra semana, será a opinião de peritos sobre diferenças radicais de governo entre os Estados Unidos e outras terras. O "currículo" de "Rádio-Universidade" para 1947 oferece novos ângulos e um vasto panorama de todos os ramos principais do conhecimento mundial."

★

A TV SERVINDO À INDÚSTRIA

A possibilidade de empregar a televisão para vigiar a fumaça excessiva nas fábricas está sendo posta à prova nas indústrias Consolidated Edison, da cidade de Nova York. Câmaras e receptores instalados em uma das matrizes elétricas do conjunto industrial proporcionam uma visão constante de qualquer emanação de fumaça, permitindo que os técnicos a eliminem imediatamente. Dessa forma, os inconvenientes causados pela fumaça são evitados, e a eficiência das fábricas aumenta, segundo afirmem os diretores da Consolidated Edison.

DA IDADE ANTIGA...

(Cont. da pág. 16)

A vista das exclamações suscitadas por suas criações, Miss Head decidiu não relegar ao esquecimento os modelos da era antiga. De lápis em punho, esboçou ela maravilhosas e perfeitas adaptações para as mulheres de hoje, ao mesmo tempo que aconselha às moças que, quando virem "Sansão e Dalila" na tela, procurem copiar os modelos apresentados, verdadeiras jóias para enriquecer o seu guarda-roupa.

ROSENDA

(Cont. da pág. 24)

carinho de homem apaixonado. Suas visitas passaram a ser contínuas e o amor entre os dois vai aumentando. Eram felizes os dois amantes, até que, um dia, quando a cidade festejava o aniversário da independência do México, um grupo de revolucionários, comandados por "El Tejon" que não era outro senão Salustio, invade a cidade, saqueando-a e cobrando às pessoas importantes altas quantias como resgate.

Mas, o verdadeiro motivo do assalto àquela cidade não foi o dinheiro que ela poderia render. O que Salustio queria, era fazer sua, a bela Rosenda. Salustio dirigiu-se à casa de Rosenda, mas não se atreveu, sequer, tocá-la em respeito ao cadáver da velhinha que acolhera Rosenda. D. Ponciano o que Salustio pretendia e prepara a fuga de Rosenda, combinando com o cura (Francisco Reiguer) do lugar que acabava de casá-los. Os planos foram traçados e com a ajuda de Deus, Rosenda estaria salva.

Disfarçada de homem, Rosenda tomou o trem de Morelia, onde chega e dirige-se para a casa de umas amigas de D. Ponciano. Entrementes, D. Ponciano, espera Salustio em casa de Rosenda, e este, depois de romantica serenata, entre e depara com D. Ponciano. Trava-se então forte discussão e D. Ponciano joga-lhe em cara, com duas palavras, o seu covarde procedimento, mostrando ao temido "El Tejon" que um valente só vive até quando outro valente o permite...

Salustio, indignado, ordena a prisão do seu rival juntamente com o cura que foi cúmplice na fuga de Rosenda, levando-os à serra como reféns, uma vez que as forças federais estavam em seu encalço. D. Ponciano tenta enviar uma carta a Rosenda, entretanto seus movimentos são seguidos de perto por ordem de "El

Tejon" e a caixa do correio é violada perdendo, assim D. Ponciano todas as esperanças.

Longe dali, Rosenda teme que tenha acontecido algo a seu marido, pois já se passara um mês e não havia chegado notícia alguma, apesar da promessa feita por ele de jamais esquecê-la.

Em certa ocasião, Rosenda vê em um jornal a foto de D. Ponciano e se inteira da sua morte nas mãos de Salustio. Sabedora do ocorrido, Rosenda foi à sua antiga casa afim de apanhar algumas lembranças, e ali, todos lhe confirmavam o triste fim de seu amado. Impelida pelo instinto, Rosenda espera ainda um mês tentando acreditar na falsidade daquelas notícias.

O destino estava sendo cruel. Quando Rosenda deixa a cidade, triste e desiludida, chega a casa, cansado e delirando por alta febre motivada pelos tremendos esforços que fez, D. Ponciano. A notícia de sua morte

tinha sido falsa. Todos lhe dizem ter visto Rosenda mas ninguém sabia o destino que tinha tomado. Passou-se um ano e D. Ponciano julgando que Rosenda jamais voltaria àquela cidade, desiludido com o seu destino decidiu-se a desaparecer, embarcando em um trem.

Por outro lado, Rosenda, com o seu filhinho às costas, resolve volver a casa onde ela viveu seus amores com D. Ponciano.

Em sentido contrário, ambos os trens, o de D. Ponciano e o de Rosenda se cruzam em uma estação. Quase o destino os separara novamente. Mas... em determinado momento D. Ponciano avista na outra composição a sua querida Rosenda, e, emocionado chama por sua amada.

Com indizível alegria os dois se abraçam enquanto se afastavam os monstros de ferro que quase separava aqueles dois corações que se amavam.

LUSTRES DE CRISTAL

de 26 das melhores fabricas europeias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua impositação direta o que de mais moderno, elegante e artistico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar o sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FASILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nosso exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 AS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO

AV. PRINCÉSA ISABEL, 126-D * FONES 37-1200 E 37-3428
— JUNTO AO TÚNEL NOVO —




Senhora!

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua **HIGIENE ÍNTIMA**

Metrolina

**ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA**

TELAS DA CIDADE

(Cont. da pág. 33)

extremamente tímido, que se vê súbitamente no serviço de informações de um exército norte-americano perdido na Birmânia, Donald O'Connor, um ator geralmente esfuizante, tem um dos melhores e mais discretos trabalhos de sua carreira. Acredito mesmo que, com um diretor melhor, O'Connor fôsse capaz de tornar-se num comediante de mão chela.

Mas o jumento Francis é o ver-

dadeiro herói do filme que tem o seu nome, e, através da voz de Chill Wills, diz muita coisa acertada sobre certos assuntos que merecem ser satirizados. Pena é que David Stern, autor do romance original e cenarista, não tivesse sabido explorar melhor o assunto, e que Arthur Lubin seja um diretor tão pedestre. Zasu Pitts, num papel pequeno e indigno de seu talento, mata as saudades de seus fãs, que são inúmeros. E outros patuscos servem para tornar o filme bastante divertido.

QUER SER ESCRITOR?

Inscriva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr\$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



FICHÁRIO RADIOFÔNICO

JÚLIO LOUZADA

JÚLIO LOUZADA popularizou-se através da "Oração da Ave-Maria", programa que representa apreciável índice de ouvintes para a Rádio Tamoio. Espírito devoto à causa cristã, não lhe foi difícil atrair milhares de rádioouvintes para sua prédica diária, nem tampouco torná-la conhecida em todos os recantos do território nacional. Ainda sob o prisma espiritual, o veterano locutor da PRB-7 lançou o programa "Pausa para Meditação" que, segundo os dados de um instituto de pesquisas, é um dos mais ouvidos programas do "broadcasting" brasileiro. Recentemente, sem qualquer comunicação a seus amigos e colegas, Júlio Louzada casou-se. Mas, apesar de tôdas as precauções, os fãs invadiram o templo em que se realizou o matrimônio, testemunhando, dessa maneira, seu apreço àquele que, tôdas as tardes, na Hora do Angelus, endereça uma palavra de conforto aos que sofrem as angústias da hora presente.

ARQUIVO

DE
BROOKLYN JACK



JOAN BLONDELL

NASCEU na cidade de New York, N.Y., Estados Unidos da América do Norte, a 30 de agosto de 1909. É loura de grandes e lindos olhos verdes. Antes de entrar para o cinema atuou em teatros de variedades e na Broadway ao lado de seu grande amigo e colega James Cagney e foi com ele que se iniciou em Hollywood, na versão cinematográfica de uma peça em que haviam trabalhado juntos, com sucesso: «The Sinner's Holiday», que não veio ao Brasil. De 1931 a 1947, atuou sem interrupção em quase uma centena de filmes, a princípio como atriz exclusiva da Warner, e posteriormente em filmes da RKO Rádio, Paramount, Fox, Columbia, Metro, Republic e United Artists. Há três anos está afastada dos estúdios e deixou saudades aos seus inúmeros fãs. Quando brotinho foi a rainha das revistas musicais (nos bons tempos, na Era de Trinta). É uma comedianta agradável e igualmente ótima atriz dramática. Eis uma lista dos seus filmes mais importantes: «Mulheres de Negócios», «Mulher sem algemas», «Cavaleiro por um dia», «O inimigo Público» (veio ao Brasil mas não foi exibido por não obter permissão da Censura), «Três ainda é bom», «Mulher entre amigos», «As mulheres enganam sempre», «Travessuras de uma loura», «Millie», «Quero ser estrela», «Delirante», «Há mulheres assim», «Direito de Errar», «Um passo em falso», «Parque Central», «Felicidade em Revista», «Que Semana», Broadway, «Gente Esbelta», «Cavadoras de Ouro» (1933), «Triunfos de Mulher», «Cortezãs modernas», «Intrigas da Viúvas de Havana», «Princesa de Fuzarca», «Amor por telefone», «O Homem que Eu Perdi», «Mulheres e Música», «Rainha da Armada», «Dinheiro em Peca», «Mordedores de 1935», «O Gondoleiro da Broadway», «Colleen, a Modista», «No teatro da Guerra», «Caprichos de Estrelas», «Cavadoras de Ouro de 1937», «Balas ou Votos», «O Rei e a Corista», «Assim é Hollywood», «O Homem Perfeito», «Silêncio que Condena», «Sempre a Mulher», «Amor a prestações», «Campeão Gosado», «Fora do Expediente», «Rumo a Paris, garotas», «Um pedacinho do céu», «Mania do Divórcio», «Conquistadoras da Broadway», «A Volta do Fantasma», «Espôsa Modelo», «Três graças e uma desgraça», «Dama por uma noite», «Aurora Sangrenta», «O infeliz Don Juan», «Tacos Humanos», «Aventura», «A Mortalha de Seda», «Beco das almas perdidas», «Véspera de Natal».

MASSIMO GIROTTI

ÉSTE grande ator italiano é natural de Mogliano, Macerata, e nasceu a 18 de maio de 1918. Cursou a Faculdade de Direito antes de se decidir pela carreira artística. Atuou no teatro, antes de vir para o cinema. Grande amigo de Blasetti, Visconti, De Santis e De Sica, os maiores diretores italianos, a eles muito deve em sua ascensão artística. Talentoso, aceso anti-fascista, Girotti mede 1,81m. e pesa 82 quilos. Fuma vinte cigarros por dia, lê e estuda muito, trabalha com sobriedade, é casado e tem filhos. A lista dos seus filmes é a seguinte, de 1939 a 1950: «Dora Nelson», «Uma romântica aventura», «I pirati della Malesia», «Le due tigri», «A Farsa Trágica», «Um piloto retorna», «Harlem», «Apparizione», «La carne e l'anima», «La porta del cielo», «Um dia na vida», «A Coroa de Ferro», «Obsessão», «Desiderio», «Prelúdio d'amore», «Fatalità», «Trágica Perseguição», «Fabiola» (onde interpreta São Sebastião).





ROBERT MITCHUM

É natural de Bridgeport, Connecticut, Estados Unidos da América. Nasceu a 16 de agosto de 1917. Tem cabelos e olhos castanhos e pesa cerca de 90 quilos. Começou no cinema fazendo pontinhas em filmes de cow-boy e neste mistér apareceu em nada menos de oito «Hopalong Cassidy», aquela série da Paramount, ora como bandido, ora como amigo do intérprete central, Bill Boyd. Lembramo-nos de «Mantendo a Ordem» e «Caraveliros da Fronteira». Em seguida fez um vigarista na comédia da Fox «Mestres de Baile», do Gordo e o Magro, isso, em 1943, quando realmente sua carreira tomou um rumo definido. Fez ainda «A Comédia Humana», na Metro, «Gung Ho», na Universal, e mais dois fil-

mesinhos inéditos no Brasil, em papéis de menor importância. De 1944 em diante, «astro» na RKO Rádio (com algumas saídas para a Metro, a Republic e a Warner) apareceu em «Nevada», «Trinta Segundos sobre Tóquio», «Estranha Aventura», «Também somos seres humanos» (no papel do capitão), «A Oeste de Pecos», «Noite na Alma», «Angústia», «Correntes Ocultas», «Sua Única Saída», «Sagrado e Profano», «Fuga ao Passado», «Rancor», «O Homem que eu amo», «Sangue na Lua», «O Vale da Ternura», «O Cais da Maldição», «Duas vidas se encontram», «Orgulho e Ódio», «Trágico Destino», «Califórnia terra do ódio», «Just like I hate money», «Shanghai Incident», «Macao» e «Black Ivory», os oito últimos sendo inéditos no Brasil. Robert Mitchum é casado, tem filhos e andou complicado há pouca mais de um ano por causa de ser viciado em maconha...

VERONICA LAKE



NASCEU a 14 de novembro de 1919 em Brooklyn, New York City, N.Y., Estados Unidos. Tem olhos azuis e cabelos louros, medindo 1,57m. e pesando 44 quilos. No cinema desde 1939. Seus principais filmes são: «Adolescência» e «Toda mulher tem segredos» (1939); «Mamãe eu quero»; «Revoada das Águias», «Contrastes Humanos» (1941); «Alma Torturada», «Capitulou sorrindo» (1942); «Casei-me com uma feiticeira», «Coquetel de estrelas», «A Legião Branca» (1943); «A hora antes do amanhecer», «Acontece que sou rico» (1944); «Do Outro Mundo», «Agarra essa loura», «Carnaval de Estrelas» (1945); «A vida é uma só» (1946); «A Abusadora», «Miragem dourada» (1947); «Saigon», «As duas santinhas» (1948); «Esperteza romântica», «Furacão da vida» (1949); «Red Fury» 1950. Já pertenceu ao cast da RKO Rádio, United, Metro, mas na Paramount é que alcançou sucesso e que agora filma para a Fox.

TELAS DA CIDADE

(Cont. da pág. 11)

o próprio táxi de Red Skelton, já aí tido como raptor.

Muito bem desenvolvida, essa sequência talvez seja a melhor de toda a carreira do comediante, mas sem dúvida, seus maiores responsáveis são os cenaristas Devery Freeman e Albert Beich e o diretor Jack Donohue, um ex-diretor de danças que parece ter transmitido um seguro senso de ritmo a essa e a diversas outras seqüências de «Motorista Terremoto». O final repete propositadamente o desfecho de «As Loucuras de Mr. Jones», outra comédia de Skelton, colocando-o, com a heroína e um terrível grupo de vilões, numa exposição de artigos domésticos. Bastante engenhosa, mas por isso mesmo de aparência fabricada, essa seqüência, como a sua irmã do outro filme citado, tem sua inspiração nas violentas lutas finais que caracterizavam os filmes de Harold Lloyd.

De qualquer forma, «Motorista Terremoto» é uma comédia despreziosamente engraçada, e as gargalhadas garantidas que contém fazem dela uma das surpresas mais agradáveis dos últimos meses, e, sem dúvida, um filme que merece ser assistido por toda a família — se não houver pessoas por demais sofisticadas no ambiente familiar.



A ROSA NEGRA

THE BLACK ROSE — Produção e distribuição da 20th. Century-Fox (Inglaterra, África do Norte), 1949-50. Produção de Louis D. Lighton. Direção de Henry Hathaway. Cenário de Talbot Jennings, baseado num romance de Thomas B. Costain. Cinegrafia (Technicolor) de Jack Cardiff. Efeitos cinegráficos de W. Percy Day. Direção de Technicolor de Jean Bridge. Sonografia de Buster Ambler. Direção artística de Paul Sheriff e W. Andrews. Guarda-roupa de Michael Whittaker. Partitura musical de Richard Adinsell, executada pela Orquestra Sinfônica de Londres e pela Orquestra Sinfônica Real, sob a regência de Muir Mathieson. Coordenação de Manuel del Campo. ★ Elenco: Orson Welles, Tyrone Power, Cecile Aubry, Jack Hawkins, Michael Rennie, Finlay Currie, Herbert Lom, Mary Clare, Bobby Blake, Alfonso Bedoya, Gibb McLaughlin, James Robertson Justice, Henry Oscar, Laurence Harvey. ★ Lançado no Rio de Janeiro em outubro de 1950.

Estando os romances pseudo-históricos, à Dumas, em grande voga nos Estados Unidos, onde atingem tiragens fabulosas e são distribuídos largamente por dezenas de clubes populares, é apenas natural que tenhamos uma enxurrada de filmes do mesmo gênero, baseados nos mais conhecidos desses romances, ou procurando imitá-los. E, como uma grande parte desses folhetins industrializados tem por fundo os países exóticos do mundo não-ianque, é também natural que Hollywood, aproveitando as suas rendas congeladas em países mais precavidos que o Brasil, despache caravanas de astros, estrelas e técnicos para os

quatro cantos do mundo, em busca de economia e paisagens românticas.

As vantagens e as dificuldades que há na filmagem de tais romances estão claramente ilustradas em «A Rosa Negra», que a 20th. Century-Fox fotografou na Inglaterra e na África do Norte com um elenco internacional. As vantagens refletem-se nos magníficos cenários naturais, que Hollywood dificilmente poderia reproduzir em seus estúdios. E as dificuldades são encontradas a cada passo na adaptação que Talbot Jennings, especialista em epopéias e ambientes estranhos, fez do original avantejado de Thomas B. Costain.

Ainda que o filme tenha duas horas de projeção, quase tudo é contado de maneira episódica, e, evidentemente, Henry Hathaway não teve muito interesse em valorizar, através de sutilezas, o ritmo da narrativa. O resultado é que «A Rosa Negra» chega a cansar o espectador mais dado às coisas do gênero, só se salvando do todo um pouco da fotografia de Jack Cardiff — especialmente quando emprega os tons mais escuros, escondendo nas sombras a exuberância do Technicolor — e, naturalmente, a figura imponente de Orson Welles.

Brincando com o seu papel, Welles é, como sempre, um ator eficiente e impressionante. Tyrone Power faz um herói adequado, e Jack Hawkins é convincente na pele de um arqueiro cheio de nobreza. No elenco secundário, brilhante Finlay Currie, Michael Rennie e o mexicano Alfonso Bedoya. E a feiosa Cécile Aubry serve para confirmar o talento de Clouzot como diretor de atores. No papel-título, é uma das heroínas mais pobres que já vimos. Sua carreira, a não ser que tenha muita sorte no futuro, ficará reduzida à móbida «Manon».



E O MULO FALOU

FRANCIS — Produção e distribuição da Universal-International (Hollywood), 1949-50. Produção de Robert Arthur. Direção de Arthur Lubin. Cenário de David Stern. Cinegrafia de Irving Glassberg. Efeitos cinegráficos de David S. Hornsley. Sonografia de Leslie I. Carey e Corson Jowett. Direção artística de Richard A. Riedel e Bernard Herzbrun. Decorações de A. Roland Fields e Russell A. Gausman. Partitura musical de Franz Skinner. Coordenação de Milton Carruth. ★ Elenco: Donald O'Connor, Patricia Medina, Zasu Pitts, Ray Collins, John McIntire, Eduard Franz, R. Chamberlin, James Todd, Robert Warwick, Frank Faylen, Anthony Curtis, Mikel Conrad, Leren Tindall, Charles Meredith e o jumento Francis. ★ Lançado no Rio de Janeiro em outubro de 1950.

«Francis», que recebeu aqui o título horripilante de «E o Mulo Falou», foi um tremendo sucesso em seu país de origem, e isso basta para demonstrar que o público está ansioso por comédias, aceitando quase tudo que lhe oferecerem. Não que o filme seja imprestável. Em certos momentos, chega a ser hilariante, e na maior parte do tempo é agradável.

No papel de um segundo-tenente

(Cont. na pág. 30)

Pausa para meditação



ANN BLYTH — (Universal-International)

COLUNA DO FAN

(Cont. da pág. 25)

co da América Latina, deveriam criar-se revistas especializadas nada mais do que em cinema nacional, fazendo com que o povo se interessasse por nossos artistas, como no México e Argentina que possuem revistas como as que já aqui deveriam de existir; ora, se nesses dois países há tudo isso, porque não no Brasil? Lá os fãs procuram saber como vivem os seus astros e estrélas, que fazem, que namoram; os repórteres bisbilhoteiros escrevem «mexericos» sobre os artistas, nas premiêres os fãs vão caçar autógrafos dos seus artistas prediletos, tudo igual que nos EE.UU., embora em menor escala, o que aqui não existe, vivendo os nossos artistas quase que em completa obscuridade, mas apesar de tudo isso os nossos filmes, como «Carnaval no Fogo», «A Sombra da Outra», «Pecado de Nina» e outros batem verdadeiros records de bilheteria, denotando mesmo sem publicidade um crescente interesse por parte do público brasileiro.

Nós temos bons intérpretes, tanto física como artisticamente, haja vista: — Anselmo Duarte, Fada Santoro, Eliana, Alexandre Carlos, Laura Suarez, Emilhina Borba, Ilka Soares, Olga Latour, Orlando Villar, José Lewgoy, Catalano, Roberto Acácio, Paulo Pôrto, Oscarito, para não citar muitos e muitos outros sem a fama e consagração a que fazem jús; já é tempo de terminar com o «tabú» de que filme nacional não presta, e com as corriqueiras frases como esta: «não, tal «eu não vou ver, é brasileiro»; deixarmos de ser «estrangeiristas» e aprender a apreciar de uma vèz por todas o que é nosso, bem brasileiro.

Lamentável é o fato de que certo matutino carioca comentando numa edição de domingo os filmes a serem exibidos na semana entrante, assim disse: «e nesta semana não temos nenhum filme brasileiro a atrapalhar-nos», o que constituiu-se num anti-patriotismo de pasmar. E sempre há nas salas de exibições o «engraçadinho» que passa a sessão toda soltando piadinhas e criticando só porque o filme é nacional.

Quando, meu Deus, quando abrirão os olhos os brasileiros, e reconhecerão que aquilo que vêem em outros pode ser encontrado aqui mesmo, na sua terra?

Anseio pelo dia em que meus desejos se realizarem e eu possa ver um Anselmo Duarte cercado pelos seus fãs em plena Rua do Ouvidor ou Avenida Rio Branco, ou uma Ilka Soares rodeada de gente numa premiêre no Palácio, ou pessoas de todo o Brasil escrevendo para as revistas indagando sobre a vida de uma Fada Santoro ou um Alexandre Carlos, deixando de lado Gary Cooper, Marias Félix e outros?

Quando chegará esse dia? Tardará muito? Espero que não.

RICARDO DOMINGUEZ (Rio)

DUBAR

BEBIDAS DE ALTA QUALIDADE E PUREZA ABSOLUTA, PARA OS PALADARES MAIS EXIGENTES. SIMPLES OU EM COCKTAILS OS PRODUTOS DUBAR SÃO UMA DELÍCIA!



EIS A FAMOSA LINHAGEM

DUBAR

LICORES

Anisette
Cherry Brandy
Creme de Ovos
Curaçau
Danziger Goldwasser
Fogo Paulista
Kümmel Cristalizado
Kümmel Dubar
Licor de Abricot
Licor de Cacau
Licor dos Cardeais
Licor de Ouro
Maraschino
Peppermint
Record

APERITIVOS

E

BITTERS

Americano Paulista
Bitter Angostura
Bitter Boonekamp
Bitter Russo
Fernet

VINHOS COMPOSTOS

Vermouth Branco Doce
Vermouth Branco Sêco
Vermouth Torino
Vinho Quinado
Vinho Quinado Extra

AGUARDENTES

Cognac Dubar 5 Estrêlas
Cognac Grande Fine Champagne
Cognac com Alcatrão
Genebra Extra Superior
Gin Extra Sêco
Korn Velho Legítimo
Rhum Tipo Georgetown
Vodka
Whisky

XAROPES

Ananás
Cereja
Framboeza
Grenadine
Groselha
Limão
Tamarindo
Morango

HÁ UMA DELÍCIA DUBAR PARA CADA PALADAR!

RIO DE JANEIRO
Rua Riachuelo, 92

SÃO PAULO
Rua Frederico Steidel, 156 - 1.º andar

SANTOS
Rua Martim Afonso, 143

*Mães carinhosas ...
e previdentes*

confirmam com orgulho:

para as crianças do Brasil

só o **TÔNICO
INFANTIL**



Tudo que
o delicado organismo
infantil exige no período
de crescimento... cálcio, fósforo,
sais minerais e vitaminas —
está incluído na fórmula
especial do **TÔNICO INFANTIL!**
Para que seus filhos cresçam
sempre fortes, alegres
e saudáveis, dê-lhes o fortificante
certo e eficaz:
TÔNICO INFANTIL!

O único de fórmula especial para crianças